

# HEGEL E A ONTOLOGIA<sup>1</sup>

**José Barata-Moura**

(Universidade de Lisboa)

*Ao Domenico Losurdo,  
em testemunho de uma amizade já longa.*

## §1. Um problema.

Escolhi para tema desta minha fala de hoje: Hegel e a ontologia.

A bota não é de todo fácil de descalçar. Em rigor, enuncia-se uma *questão*, mas está-se a colocar todo um *problema*, que se perfila e irrompe no próprio coração de toda a indagação filosófica aprofundada.

À primeira vista, ou de entrada, encontramos-nos simplesmente no domínio da semântica histórica. Tratar-se-ia de começar por recolher aquilo que à época era entendido por «ontologia», no quadro tradicional dos ofícios da filosofância, para, de seguida, ao nível do manejo dos utensílios conceptuais e dos empregos atestados, averiguar o que «ontologia» quer dizer no uso que Hegel faz do termo.

Todavia, no fundo, as coisas revelam-se bem mais envencilhadas. Com efeito, a questão levanta-se e gira em torno da compreensão hegeliana do «ser».

E aqui, uma vez mais, as nuvens ganham espessura, o tempo volta a toldar-se. A perspetivação hegeliana do ser deposita-se e comprova-se, não apenas no que concerne a determinação técnica da categoria «ser»

---

<sup>1</sup> Conferência realizada na Universidade de Urbino em 18 de Novembro de 2011, na abertura do Congresso internacional comemorativo do septuagésimo aniversário de Domenico Losurdo, promovido pela *Internationale Gesellschaft Hegel-Marx für dialektisches Denken*. O presente texto corresponde à versão portuguesa (entretanto, ampliada) de: «Hegel et l'ontologie», *Dialettica, Storia e Conflitto. Il proprio tempo appreso nel pensiero. Festschrift in onore di Domenico Losurdo*, ed. Stefano G. Azzarà, Paolo Ercolani e Emanuela Susca, Napoli, La scuola di Pitagora editrice, 2011, pp. 35-51.

(*Sein*) nos textos de Hegel, mas sobremaneira no que diz respeito ao conceito de «aquilo que é» (*das, was ist*) porventura, o nó de amarração e o núcleo fundamental que toda a demanda ontológica tem originariamente de desatar e de tender a penetrar.

Afigura-se-me, por conseguinte, que, sem se empreender um razoável esforço de perscrutação apontado a um dar conta do encaixamento, articulado e dinâmico, destas diferentes dimensões significativas, resultará difícil fazer-se uma ideia, conveniente e justa, do problema da ontologia em Hegel, na sua própria concreção.

Aliás, na advertência que Herbert Marcuse cuida de colocar à cabeça do seu estudo de 1932 dedicado a estas matérias – *Hegels Ontologie und die Theorie der Geschichtlichkeit* –, é precisamente este entrelaçamento de camadas semânticas aquilo que se insinua e nos interpela.

A polissemia que se encontra atrelada ao vocábulo «ser» – da qual os Antigos, como todos sabem, se haviam apercebido já, até para efeitos de conveniente exploração doutrinal especificada<sup>2</sup> – apresenta-se-nos na referida nota introdutória, não como o infeliz sintoma de uma embaraçosa e desagradável ambiguidade, mas, pelo contrário, como o perturbador emblema destinado justamente a recolher o conjunto dos dados que se impõe compaginar e resolver:

«Queremos significar por “ontologia” hegeliana o equacionamento por Hegel [*Hegels Ansatz*] do sentido do ser em geral [*Sinn des Seins überhaupt*] e o desdobramento sistemático [*die systematische Entfaltung*], e [a] exegese [*Auslegung*], desse sentido de ser [*Seinssinn*] nos diversos modos [*Weisen*] do ser.»<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Recordemos que Aristóteles – num tempestivo intento de busca de orientação clarificadora, e de respaldo concepcional crítico, no denso emaranhado das acepções que, na altura, povoavam o património filosófico circundante – curara já de observar, designadamente contra um certo privilégio platónico da univocidade, que «aquilo que é» (ἡ δὲ) se apresenta como «algo que se diz de várias maneiras» (B@88" Päh 8g( : g<@<). Cf., por exemplo, ARISTÓTELES, *Metafísica*, ' , 2, 1003 a 33.

<sup>3</sup> «Mit der hegelschen “Ontologie” meinen wir Hegels Ansatz des Sinns von Sein überhaupt und die systematische Entfaltung und Auslegung dieses Seinssinns in den verschiedenen Weisen des Seins.», Herbert MARCUSE, *Hegels Ontologie und die Theorie der Geschichtlichkeit* (1932), Einleitung; Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1975<sup>3</sup>, p. 2.

Não é aqui a ocasião mais apropriada para nos debruçarmos em pormenor sobre este texto, e sobre as teses de Marcuse nele expendidas. O intento que denotam de empreender uma interpretação da «Lógica» de Hegel num sentido que aponta para uma ontologia, em vez de a encerrar (ao costumado jeito neokantiano) no círculo mais gnosiológico de uma *Transzendentalphilosophie* (cf., por exemplo, *ibid.*, I, 17; p. 213), é, sem dúvida, muito interessante, mau grado todas as contaminações provenientes de uma difusa (e, ao tempo, em voga celebrada) *Lebensphilosophie* de

Cabe-nos, portanto, como cardápio do desenvolvimento que se segue, procurar reflectir sobre um conjunto de indicações esparsas de Hegel acerca da «ontologia», do «ser», e de «aquilo que é».

## §2. Ontologia.

No que toca ao emprego mais restrito – e, por assim dizer, técnico-histórico – da categoria «ontologia» (que figura tanto na versão latina de *ontologia*, como germanizada em *Ontologie*), Hegel retoma, à maneira dele, a terminologia e as principais aportações da *Schulphilosophie* do século XVIII, de que Christian Wolff, nomeadamente, havia fornecido à cultura alemã uma frequentada síntese de elementos escolástica e aristotélicos.

Neste primeiro contexto das considerações – no qual em causa se encontra uma *scientia entis in genere*, com um andamento e com contornos abertamente de extracção wolffiana<sup>4</sup> –, a «ontologia» é-nos, em conformidade, apresentada como «o tratado [*die Abhandlung*] acerca das categorias abstractas, totalmente universais, do filosofar [*Philosophieren*], do ser [*Sein*] (∅<)»<sup>5</sup>.

contornos heideggerianos, perceptíveis, nomeadamente, na sua perspetivação de «o conceito de ser da vida na sua historicidade como a base originária da ontologia hegeliana» – «der Seinsbegriff des Lebens in seiner Geschichtlichkeit als ursprüngliche Grundlage der hegelschen Ontologie», *ibid.*, II; p. 225.

Deste período datam igualmente, e contribuindo para o delineamento do contexto, outros escritos marcuseanos em que se ensaia uma leitura existencialo-heideggeriana da dialéctica e até do materialismo histórico. Tenham-se em conta, designadamente: MARCUSE, «Beiträge zu einer Phänomenologie des Historischen Materialismus» (1928) e «Über konkrete Philosophie» (1929) – republicados em: Herbert MARCUSE e Alfred SCHMIDT, *Existentialistische Marx-Interpretation*, Frankfurt am Main, Europäische Verlagsanstalt, 1973, respectivamente, pp. 41-84 e 85-110 –, bem como «Neue Quellen zur Grundlegung des Historischen Materialismus» (1932), agora em: MARCUSE, *Ideen zu einer kritischen Theorie der Gesellschaft*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1970<sup>4</sup>, pp. 7-54.

<sup>4</sup> «A ontologia, ou filosofia primeira, é a ciência do ente em geral, ou enquanto ele é ente» – «Ontologia seu prima philosophia esta scientia entis in genere seu quatenus ens est», Christian WOLFF, *Philosophia prima sive ontologia, methodo scientifica pertractata, qua omnis cogitationis humanae principia continentur* (1730, 1736), § 1; *Gesammelte Werke*, ed. Jean École, J. E. Hoffmann, Marcel Thomann, e H. W. Arndt, reprod. Hildesheim – New York, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1977, vol. II/3, p. 1.

<sup>5</sup> «die Abhandlung von den abstrakten, ganz allgemeinen Kategorien des Philosophierens, des Seins (∅<)», Georg Wilhelm Friedrich HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III, II, 1, C, 2; *Theorie Werkausgabe*, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel (doravante: TW), Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1971, vol. 20, p. 260.

Encarada por este ângulo, a ontologia vem pacificamente a identificar-se com aquilo que uma tradição milenar, na sequência de um baptismo serôdio por Andronico de Rodes oficiado, se habituou a reunir sob a augusta denominação de «metafísica» – ainda que, ao que tudo leva a crer, na origem, J• : gJ• J• NLF46V correspondesse tão-só a um determinado ordenamento sequencial dos livros do Estagirita emprateirados «a seguir» aos seus tratados que se debruçavam sobre temas da Física<sup>6</sup>.

Seja como fôr, ao abrigo desta nomenclatura, disparada no futuro para os mais altos voos da fortuna cogitativa, estendia-se um domínio de pesquisa, e uma «ciência a pesquisar» (. OJ@L: X<O !B4FJZ: O)<sup>7</sup>, que, em rigor, Aristóteles designava por «filosofia primeira» (Bdf JO N48@F@N")<sup>8</sup>.

Ora, pela sua parte, Hegel não hesita em estabelecer laços de correspondência entre esta ontologia – ou, melhor, a ontologia desta maneira entendida – e aquilo a que ele próprio chama a sua «lógica» (*Logik*)<sup>9</sup>, ainda que não deixando de lhe introduzir pelo caminho algumas modificações assinaláveis, no que se refere à acentuação, ao teor, e, sobretudo, à dinâmica e à vertente crítica.

Portanto, o ponto de partida da exposição da «Lógica» hegeliana – destinado a preparar as necessárias transições subsequentes à «lógica subjectiva» (*subjektive Logik*) do universal e à «doutrina das Ideias» (*Ideenlehre*) que a «ciência» (*Wissenschaft*) vem a tomar por objecto próprio – deverá compreender, assim, «uma lógica ontológica» (*eine ontologische Logik*) que abarca «o sistema dos conceitos puros do ente» (*das System der reinen Begriffe des Seiendes*)<sup>10</sup>.

Neste horizonte de consideração, e no que ao essencial diz respeito, Hegel não deixará de acrescentar um ponto que é elucidativo de aquilo que, para ele, representa a dimensão decisiva a não perder de vista.

<sup>6</sup> Cf. William David ROSS, «Introduction», I; in ARISTÓTELES, *Metaphysics*, ed. W. D. Ross, Oxford, At the Clarendon Press, 1970<sup>6</sup>, vol. I, pp. XXXII-XXXIII.

<sup>7</sup> Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, A, 2, 982 a 34.

<sup>8</sup> Cf., por exemplo, ARISTÓTELES, *Metafísica*, E, 1, 1026 a 30, e *Física*, II, 2, 194 b 14-15.

<sup>9</sup> Parece-me significativo que, reportando-se aos temas desenvolvidos na «metafísica» (*Metaphysik*) ou «filosofia pura» (*reine Philosophie*) de Aristóteles, Hegel diga: «Nesta ontologia ou, como nós lhe chamamos, lógica» ... – «In dieser Ontologie oder, wie wir es nennen Logik»..., HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, I, I, 3, B, 1; TW, vol. 19, p. 152.

<sup>10</sup> Cf. HEGEL, *Philosophische Enzyklopädie für die Oberklasse (1808 ff.)*, I, § 15; TW, vol. 4, p. 12.

Neste patamar inicial, a indagação metafísica ocupa-se, basicamente, no seu itinerário, das «formas *objectivas* de pensamento» (*objektive Denkformem*) – as quais na «ontologia de outrora» (*vormalige Ontologie*) preenchem o foco dominante da análise, para agora aparecerem também recuperadas na «lógica» –, pouco importando, porém, que, à luz dos diferentes supostos adoptados na doutrinação entretanto elaborada, elas sejam definidas, no regime característico do chamado «dogmatismo» (*Dogmatismus*), como «determinações dos entes» (*Bestimmungen der entium*)<sup>11</sup>, ou que, do ponto de vista enformador do idealismo crítico kantiano<sup>12</sup>, pelo contrário, elas se vejam estabelecidas, no âmbito de uma sobrevinda constituição transcendental, como «determinações do entendimento» (*Bestimmungen des Verstandes*)<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Hegel emprega aqui «dogmatismo» numa acepção que, designadamente, remete para as problematizações kantianas. Por ausência de uma «crítica prévia» (*vorangehende Kritik*) do «poder próprio» (*eigenes Vermögen*) da razão em matéria de «conhecimento» (*Erkenntnis*), aquilo que é instituído como resultado de projecção formal subjectiva é atribuído às coisas (em si) como propriedade ôntica delas mesmas. Veja-se, a este propósito, Immanuel KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, Vorrede zur zweiten Auflage; B XXXV.

No entanto, verifica-se também, por vezes (e, nomeadamente, desde o período de Jena), um uso hegeliano da categoria «dogmatismo», que lhe é peculiar, e que aponta num sentido acentuadamente diferente, na medida em que, por contraste, é a necessária dimensão *dialéctica*, amiúde silenciada, que aí é feita sobressair: «a essência do dogmatismo consiste no facto de ele pôr como o absoluto um finito, algo de eivado de uma contraposição (por exemplo, [um] sujeito puro, ou [um] objecto puro, ou, no dualismo, a dualidade frente à identidade)» – «das Wesen des Dogmatismus darin besteht, daß er ein Endliches, mit einer Entgegensetzung Behaftetes (z. B. reines Subjekt oder reines Objekt oder in dem Dualismus die Dualität der Identität gegenüber) als das Absolute setzt», HEGEL, *Verhältnis des Skeptizismus zur Philosophie. Darstellung seiner verschiedenen Modifikationen und Vergleichung des neuesten mit dem alten* (1802); TW, vol. 2, p. 245.

<sup>12</sup> Lembremos que, de acordo com a *Crítica da razão pura*, e atendendo a que «o entendimento» (*der Verstand*) jamais pode «ultrapassar» (*überschreiten*) as «barreiras» (*Schranken*) da «experiência sensível» (*sinnliche Erfahrung*), ou seja, uma vez que os seus conceitos são «meramente princípios da exposição dos fenómenos» (*bloß Prinzipien der Exposition der Erscheinungen*) transcendentalmente constituídos, e não propriedades das coisas em si: «o altivo nome de uma ontologia – que se arroga [a pretensão] de oferecer, numa doutrina sistemática, conhecimentos sintéticos a priori acerca das coisas em geral [...] – tem que dar lugar à [denominação] modesta de uma mera analítica do entendimento puro.» – «der stolze Name einer Ontologie, welche sich anmaßt, von den Dingen überhaupt synthetische Erkenntnisse a priori in einer systematischen Doktrin zu geben [...], muß dem beschcheidenen, einer bloßen Analytik des reinen Verstandes, Platz zu machen.», KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, Die transzendente Analytik, II, 3; B 303.

<sup>13</sup> Cf. HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), I; TW, vol. 4, pp. 406-407.

Todavia – e este é, desde logo, um aspecto verdadeiramente precioso a não negligenciar, que mais não fora, em virtude das fundas e pesadas implicações que comanda –, o «ente» (JĪ Ð<, *ens, das Seiende*), que de ordinário se encontra colocado no centro das inquirições metafísicas, é, do mesmo passo, e na unidade de um mesmo movimento, retomado por Hegel num desígnio que recolhe, e que acomoda, a imbricada dualidade de sentidos («ente» singular determinado, e «entidade») ínsita já no emprego aristotélico da @ÜF\ " 14:

Assim, no marco de «a *ontologia*, para cujo lugar entra a lógica objectiva – a parte daquela metafísica que há-de investigar a natureza do *ens* em geral –», «o *ens* compreende [concebe, *begreift*] nele [próprio, *in sich*] tanto o *ser* [*Sein*] como a *essência* [*Wesen*]», acrescentando-se ainda como sublinhado da importância de que se pode revestir a possibilidade de uma apropriada discriminação linguística: «uma diferença [*Unterschied*] para a qual a nossa língua salvou felizmente a [pertinente] expressão distinta.» 15.

A diferenciação – tanto em geral, como neste caso específico do vocabulário do «ser» – *determina*, delimita, opera um recorte de aspectos de que a própria realidade se entretece, mas não tem obrigatoriamente que aportar, por esse facto, a uma rigidificação paralisada, ou a um enquistamento imobilizante, das unidades por essa via assim diferenciadas.

A ontologia *dialéctica* – não apenas por metodológica disposição concepcional de partida, mas por uma constitutiva exigência intrínseca do real circundante – é chamada a ir a jogo num complexo terreno cruzado e entrecruzado de *relacionalidades*, porque esse é justamente o embasa-

<sup>14</sup> No que se refere ao primado ôntico de JĪ Ð<, enquanto «substância primeira» (BDFJO @ÜF\ " ) – o sujeito ou o «suposto último» (§FP" J@< ßB@6g\ : g<@<) da predicação –, relativamente à generalidade formal da «substância segunda» (\*gbJgD" @ÜF\ " ) que, sendo da ordem do «universal» (6" 2` 8@L), recobre o domínio dos atributos, veja-se, por exemplo: ARISTÓTELES, *Categorias*, 5, 2 a 11-19, bem como *Metafísica*, ), 8, 1017 b 23-26.

<sup>15</sup> «die *Ontologie*, an deren Stelle die objektive Logik tritt, – der Teil jener *Meta-physik*, der die Natur des *Ens* überhaupt erforschen sollte; das *Ens* begreift sowohl *Sein* als *Wesen* in sich, für welchen Unterschied unsere Sprache glücklicherweise den verschiedenen Ausdruck gerettet hat.», HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, Einleitung, Allgemeine Einteilung der Logik; TW, vol. 5, p. 61.

A um nível ulterior, mais desenvolvido, da sua reflexão, é de novo esta recusa hegeliana em proclamar uma «cisão» (*Trennung*) absoluta do «conceito» (*Begriff*) relativamente ao seu «ser» (*Sein*) que se encontra por detrás da crítica dirigida ao modo como Kant empreende o seu combate contra o famoso «argumento ontológico» (*ontologischer Beweis*) de Anselmo de Canterbury. Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*, III, B; TW, vol. 17, pp. 208-209. Veja-se igualmente: HEGEL, *Ausführung des ontologischen Beweises in den Vorlesungen über Religionsphilosophie vom Jahre 1831*; TW, vol. 17, pp. 528-535.

mento do ser que há que penetrar, em termos de lhe descobrir as linhas da inteligibilidade buscada.

O *processo* pelo qual o encadeamento da referida significação dupla do «ente» se produz assoma, precisamente, e por conseguinte, como aquilo que vai permitir a Hegel observar – num quadro substante de imanência ôntica – que, por um lado, «as ligações do ser [*die Beziehungen des Seins*] podem ser chamadas juízos ontológicos [*ontologische Urteile*]]<sup>16</sup>, e que, por outro lado, de acordo agora com uma formulação que ocorre na *Enzyklopädie*, «a ontologia» (*die Ontologie*) é susceptível ela própria de se tornar também «a doutrina das *determinações abstractas da essência*» (*die Lehre von den abstrakten Bestimmungen des Wesens*)<sup>17</sup>.

Da conjugação articulada destas duas dimensões resulta, portanto, a necessidade premente e incontornável de a ontologia surpreender o «ente», não apenas à luz da sua facticidade imediatamente positiva, mas também na deveniência atribulada do seu contorno e dos seus desenvolvimentos.

Impõe-se, por conseguinte, não deixar de atender a tudo aquilo que há já de movente e de dialéctico nas determinações do próprio ente – há que não fazer abstracção de aquilo que Hegel designa por «o dialéctico das determinações» (*das Dialektische der Bestimmungen*) –, pois «de uma proposição ontológica» (*von einem ontologischen Satze*) pode decerto provar-se (e não apenas por meros subterfúgios de artificializada litigação sofisticada) igualmente «o contrário» (*das Gegenteil*)<sup>18</sup>, uma vez que «o existente» (*das Daseiende*), na própria «determinidade» (*Bestimmtheit*) que ostenta, «essencialmente» (*wesentlich*), não é senão «ligação a um outro» (*Beziehung auf Anderes*), «ser para um outro» (*Sein für Anderes*)<sup>19</sup>.

A «ontologia» de Hegel, no sentido restrito que temos vindo a acompanhar neste abreviado exame sumário, incide certamente sobre o «ente»; mas ela move-se, e tem necessariamente que se mover, porque o «ser», mesmo quando colhido na imediatez empírica das suas instanciações<sup>20</sup>, realmente nunca dispensa os processos de mediação, e a corres-

<sup>16</sup> «Die Beziehungen des Seins können ontologische Urteile genannt werden.», HEGEL, *Logik für die Mittelklasse (1808/1809)*, I, B, § 20; TW, vol. 4, p. 89.

<sup>17</sup> HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 33; TW, vol. 8, p. 99.

<sup>18</sup> Cf. HEGEL, *Logik für die Mittelklasse (1808/1809)*, I, C, § 28; TW, vol. 4, p. 91.

<sup>19</sup> Cf. HEGEL, *Logik für die Mittelklasse (1808/1809)*, I, C, 1, § 32; TW, vol. 4, p. 92.

<sup>20</sup> Há que não esquecer, com efeito, que, para Hegel, mesmo no horizonte da empiricidade e dos seus momentos (algo de todavia pobre relativamente à concreção consumada das mediações operadas pelo pensar), «a experiência» (*die Erfahrung*) se desdobra ela própria como um processo *dialéctico*:

«E chama-se, precisamente, experiência a este movimento [*Bewegung*] em que o imediato [*das Unmittelbare*], o não-experimentado [*das Unerfahrene*], quer dizer:

pondente negatividade, que desde o seu próprio interior o trabalham.

No seio da própria positividade determinada (objectiva, e subjectiva) que ao nosso redor se dispõe, o espaço do «tornar-se outro» (*Anderswerden*) – a trajectória e os trajectos que do «ser-em-si» (*Ansichsein*) levam ao «ser-outro» (*Anderssein*)<sup>21</sup> – vai-se, deste modo, cavando, e, nesse alastramento ou distensão apontados à alteridade, desdobram-se também os inapagáveis vectores conexos da contradição e do movimento.

A tirada ficou, a justo título, famosa: «Não há nada [*Nichts*] – nada, no Céu, ou na Natureza, ou no Espírito, ou onde quer que seja – que não contenha tanto a imediatez [*Unmittelbarkeit*] como a mediação [*Vermittlung*]»<sup>22</sup>.

Hegel dirá algo de muito semelhante – por vezes, recorrendo quase às mesmas palavras – no que, designadamente, concerne «a contradição» (*der Widerspruch*)<sup>23</sup>, «o dialéctico» (*das Dialektische*)<sup>24</sup>, ou «o concreto»

o abstracto [*das Abstrakte*], seja do ser sensível [*sinnliches Sein*], ou de algo de simples [*Einfaches*] apenas pensado, se aliena e depois, a partir desta alienação [*Entfremdung*], volta a si, e assim, somente agora, [o imediato] está exposto na sua realidade [efectiva] e verdade, bem como [é] propriedade da consciência.» – «Und die Erfahrung wird eben diese Bewegung genannt, worin das Unmittelbare, das Unerfahrene, d. h. das Abstrakte, es sei des sinnlichen Seins oder des nur gedachten Einfachen, sich entfremdet und dann aus dieser Entfremdung zu sich zurückgeht und hiermit jetzt erst in seiner Wirklichkeit und Wahrheit dargestellt wie auch Eigentum des Bewußtseins ist.», HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, pp. 38-39.

<sup>21</sup> Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, I, I, 2, B, a; TW, vol. 5, pp. 125-131, bem como *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 91; TW, vol. 8, p. 196-197.

<sup>22</sup> «Es Nichts gibt, nichts im Himmel oder in der Natur oder im Geiste oder wo es sei, was nicht ebenso die Unmittelbarkeit enthält als die Vermittlung», HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, I, Womit muß der Anfang der Wissenschaft gemacht werden ?; TW, vol. 5, p. 66.

<sup>23</sup> «por toda a parte, não há *absolutamente nada* [*gar nichts*] em que a contradição, isto é, determinações contrapostas, não possa ser e não tenha que [ser] indicada» – «es ist überall *gar nichts*, worin nicht der Widerspruch, d. i. entgegengesetzte Bestimmungen aufgezeigt werden können und müssen», HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 89; TW, vol. 8, p. 194.

<sup>24</sup> «Tudo o que nos rodeia pode ser considerado como um exemplo do dialéctico. Nós sabemos que todo o finito, em lugar de ser algo de fixo e de último [*ein Festes und Letztes*], é, antes, modificável [*veränderlich*] e transitório [*vergänglich*]; e isto não é senão a dialéctica do finito [*die Dialektik des Endlichen*], pela qual ele, enquanto em si [*an sich*] o outro de si próprio, é também lançado para além de aquilo que ele imediatamente é, e se converte no seu contraposto.» – «Alles, was uns umgibt, kann als ein Beispiel des Dialektischen betrachtet werden. Wir wissen daß alles Endliche, anstatt ein Festes und Letztes zu sein, vielmehr veränderlich und vergänglich ist, und dies ist nichts anderes als die Dialektik des

(*das Konkrete*)<sup>25</sup> enquanto totalidade unificadora de determinações contrapostas em tensão, em devir de reconfiguração.

### §3. *Sein*.

Na diversidade das línguas e das orientações doutrinárias, é-nos com frequência assegurado, e repetido, de diferentes quadrantes, que a ontologia, enquanto disciplina filosófica, tem por objecto um *estudo do ser*.

Esta definição, tal como a generalidade das definições ensaiadas, vale, por certo, o que valer. Não obstante, *o ser* será sempre aquilo que cabe interrogar.

Temos, no entanto, de tomar algumas precauções – de ordinário, sempre; no caso vertente, dobradas até.

Quando percorremos os principais lugares textuais onde o pensamento de Hegel se deposita, este procedimento expeditivo para a identificação da matéria «ontológica» pode, na verdade, revelar-se inapropriado e despistante, desde logo, atendendo a que o respondimento hegeliano ao questionário fundador de uma ontologia não se encontra de modo algum circunscrito à tematização *ex professo* que é levada a cabo de aquilo que ele entende pela categoria: «o ser» (*das Sein*).

Com efeito, no âmbito do vocabulário técnico que Hegel apronta e do qual se socorre – inclusivamente, e de uma certa maneira, desde os seus primeiros escritos<sup>26</sup> –, *Sein* desempenha aí um papel bem delimitado,

---

Endlichen, wodurch dasselbe, als an sich das Andere seiner selbst, auch über das, was er unmittelbar ist, hinausgetrieben wird und in sein Entgegengesetztes umschlägt.», HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 81; TW, vol. 8, p. 174.

<sup>25</sup> «De facto, em parte alguma – nem no Céu, nem na Terra, nem no mundo espiritual, nem no [mundo] natural – há um tal ou-ou [*Entweder-Oder*] abstracto, como o entendimento o afirma. Tudo o que quer que seja é um concreto [*ein Konkretes*], [e,] com isso, algo de em si próprio diferente [*in sich selbst Unterschiedenes*] e algo de [em si próprio] contraposto [*Entgegengesetztes*].» – «Es gibt in der Tat nirgends, weder im Himmel noch auf Erden, weder in der geistigen noch in der natürlichen Welt, ein so abstraktes Entweder-Oder, wie der Verstand solches behauptet. Alles, was irgend ist, das ist ein Konkretes, somit in sich selbst Unterschiedenes und Entgegengesetztes.», HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 119, Zusatz 2; TW, vol. 8, p. 246.

<sup>26</sup> Deste ponto de vista, e a esta luz, não seria desinteressante aprofundar, mesmo no contexto de uma discussão das parábolas evangélicas em que ela ocorre, os supostos finalmente ontológicos sobre os quais repousa uma afirmação como esta: «o devir do ser é o segredo da Natureza» – «das Werden des Seins ist das Geheimnis der Natur», HEGEL, *Der Geist des Christentums und sein Schicksal* (1798-1800), Grundkonzept zum Geist des Christentums; TW, vol. 1, p. 316.

na precisa medida em que, lançando mão de uma abreviatura que visa sublinhar o essencial, ele assinala o território da imediatez abstracta (ainda que, em qualquer caso, objectiva e subjectivamente relacional).

Segundo a *Phänomenologie des Geistes*, a atestação primeira do «isto» (*Dieses*), que «a certeza sensível» (*die sinnliche Gewi\$heit*) proporciona, oferece-nos «somente» (*allein*) uma verdade bastante magra: «o ser da coisa» (*das Sein der Sache*), na sua singularidade fáctica, despojada, que não tem ainda em conta nem o processo da «mediação» (*Vermittlung*) operada pelas diligências do pensar, nem o concreto movente das determinações imanentes que integram a coisa, ela própria, no seu conjunto<sup>27</sup>.

Do ponto de vista concepcional, e na abordagem metodológica, da *Wissenschaft der Logik*, tudo isto se vem a exprimir do modo seguinte:

«O ser [*das Sein*] é o imediato indeterminado [*das unbestimmte Unmittelbare*]; ele está livre da determinidade [*Bestimmtheit*] relativamente à essência [*Wesen*], bem como daquela [determinidade] que ele pode obter no interior [*innerhalb*] dele próprio. Este ser desprovido de reflexão [*dies reflexionslose Sein*] é o ser tal como ele é imediatamente apenas nele próprio [*an ihm selber*].»<sup>28</sup>.

---

Há, sem dúvida, que não incorrer em aproximações demasiado rápidas e aligeiradas. Não obstante, é sabido que, nomeadamente, nos textos posteriores que se debruçam sobre a *Naturphilosophie*, «a Natureza» (*die Natur*) se apresenta, «temporalmente» (*zeitlich*) desdobrada na instância da «exterioridade» (*Äu\$erlichkeit*), como «a Ideia na forma do ser-outro» – «die Idee in der Form des Andersseins», HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 247; TW, vol. 9, p. 24.

<sup>27</sup> A mera indicação de que algo «é» enuncia, deste modo e nesta instância, «a verdade mais abstracta e mais pobre» (*die abstrakteste und ärmste Wahrheit*), por manifesta ausência de exploração re-flectida do seu conteúdo. Para desenvolvimentos em torno deste ponto, veja-se: HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, I; TW, vol. 3, pp. 82-84. É também neste contexto abstractamente posicional que o *Sein* é susceptível de remeter para uma mera *existencialidade* – inanalizada, ou não, consoante a mediação (pensante) de que, por outro lado, fôr objecto. Assim, ao agir objectivante num contorno de exterioridade, por exemplo, caberá trazer a uma «ex-posição» (*Darstellung*) no «ser» aquilo que, na ausência dessa operação posicionante, apenas como «interiormente» congeminado se encontrava: «O fazer [*das Tun*], nomeadamente, é apenas [um] puro traduzir [*Übersetzen*] da forma do [ser] ainda não exposto para a [forma] do ser [*Sein*] exposto» – «Das Tun ist nämlich nur reines Übersetzen aus der Form des noch nicht dargestellten in die des dargestellten Seins», HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, V, C, a; TW, vol. 3, p. 296.

<sup>28</sup> «Das Sein ist das unbestimmte Unmittelbare; es ist frei von der Bestimmtheit gegen das Wesen, sowie noch von jener, die es innerhalb seiner selbst erhalten kann. Dies reflexionslose Sein ist das Sein, wie es unmittelbar nur an ihm selber ist.», HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, I, I; TW, vol. 5, p. 82.

Tomado neste seu primeiro sentido de indiferenciação, de uma pura indigência de conteúdo manifestado (e pensado), «o ser» (*das Sein*) denota, deste modo, e tão-só, a incontornável «pobreza» (*Armut*) de um começo abstracto – «o vazio» (*das Leere*) mais completo de toda a determinação que faz dele algo com teor<sup>29</sup>.

Todavia, porque o real, na sua deveniência determinada, não se compadece com apresentações abstractas desta índole, o solo encontra-se doravante preparado para o acolhimento e para o irromper de uma temível contradição.

Aquilo que aparecia, na representação ordinária, como o mais firme, o mais palpável, como a instância por excelência sólida a que aferrar-se, desvenda uma insuspeitada transmutação: tremelica no seu estatuto, desfaz-se em coisa nenhuma, dissolve-se numa sombra de nulidade.

O veredicto torna-se perturbador, e aparentemente sombrio:

«O ser [*das Sein*], o imediato indeterminado [*das unbestimmte Unmittelbare*], é, de facto, *nada* [*Nichts*], e nem mais nem menos do que nada.»<sup>30</sup>.

Estaremos nós a sofrer, com estas declarações rotundas, com esta explícita identificação de «ser» e «nada», a confrontação sonora e descarada de um inesperado «nihilismo» hegeliano<sup>31</sup>?

<sup>29</sup> Veja-se, por exemplo: HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 85, Zusatz; TW, vol. 8, p. 182.

<sup>30</sup> «Das Sein, das unbestimmte Unmittelbare ist in der Tat *Nichts* und nicht mehr noch weniger als *Nichts*.», HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, I, I, I, A; TW, vol. 5, p. 83.

<sup>31</sup> Hegel não deixou, aliás, de ser vítima, por parte de adversários oriundos de paragens ideológicas diversas, de insinuações pejorativas quanto ao seu pretenso «nihilismo». É neste contexto que Bruno Bauer, nos seus trombeteios irónicos de 1841 – para efeitos de manifesta ridicularização do indignado escândalo alvoroçadamente sentido pelos representantes do idealismo seródio em geral e, em particular, pelos devotos de uma fideísta «filosofia positiva» (*positive Philosophie*), ante a indecorosa desfaçatez da «negatividade» hegeliana (e jovem-hegeliana) –, num registo «metafísico» extremado, trata de assacar a Hegel um amplificado e furibundo «ódio àquilo que subsiste» (*Haß gegen das Bestehende*). Cf., por exemplo, Bruno BAUER, *Die Posaune des jüngsten Gerichts über Hegel, den Atheisten und Antichristen. Ein Ultimatum* (1841), IV; *Die Hegelsche Linke. Dokumente zu Philosophie und Politik im deutschen Vormärz*, ed. Heinz Pepperle e Ingrid Pepperle, Leipzig, Verlag Philipp Reclam jun., 1985, pp. 298-303. Ainda que marcadas por uma tonalidade bem diferente no desferir dos ataques, no quadro de uma intentada classificação da filosofia de Hegel como uma variedade de «mística racional» (*rationelle Mystik*), vejamos também as reticentes considerações feuerbachianas em torno da interpretação hegeliana do «Nada» (*Nichts*) na *Wissenschaft der Logik*, no sentido de, correctivamente, lhe contrapor uma «filosofia genéti-

Estaremos nós afinal, no que toca à ontologia de Hegel, tão-só perante o insondável mistério de uma «me-ontologia» (do grego :  $\neg \text{D} <$ : «não-ser»), ou de uma «oudeno-logia», de uma estranha metafísica selvagem do «nada» ( $\text{D} \text{X} <$ )<sup>32</sup> ?

Tomar o caminho hermenêutico destes encantamentos soporíferos de recente e afeiçoada coloratura romântico-sentimentalista – por muito sedutor e fascinante que ele possa parecer aos espíritos mais inclinados

co-crítica» (*genetisch-kritische Philosophie*), assente num reconhecimento liminar da naturalidade material dos fundamentos que à «sensibilidade» (*Sinnlichkeit*) compete evidenciar na sua experiência do mundo: Ludwig FEUERBACH, *Zur Kritik der Hegelschen Philosophie* (1839); *Gesammelte Werke*, ed. Werner Schuffenhauer (doravante: GW), Berlin, Akademie-Verlag, 1982<sup>2</sup>, vol. 9, pp. 53-61.

As reverberações desta contundente problemática e destes dilacerantes debates – reaquecidos, designadamente, pelo magistério de Schelling em Berlin – estão ainda bem perceptíveis, por exemplo, em Friedrich ENGELS, *Schelling über Hegel* (1841), *Schelling und die Offenbarung. Kritik des neuesten Reaktionsversuchs gegen die freie Philosophie* (1842), e *Schelling, der Philosoph in Christo, oder die Verklärung der Weltweisheit zur Gottesweisheit. Für gläubige Christen denen der philosophische Sprachgebrauch unbekannt ist* (1842); *Karl Marx – Friedrich Engels Gesamtausgabe*, ed. Günter Heyden e Anatoli Jegorow (doravante: MEGA<sup>2</sup>), Berlin, Dietz Verlag, 1985, vol. 1/3, respectivamente, pp. 256-263, 269-314, e 319-338.

Para a discussão crítica hegeliana do tema do «nihilismo», se bem que, desta feita, a propósito das concepções de Fichte e de Jacobi: HEGEL, *Glauben und Wissen, oder die Reflexionsphilosophie der Subjektivität in der Vollständigkeit ihrer Formen als Kantische, Jacobische und Fichtesche Philosophie* (1802); TW, vol. 2, pp. 410-413.

<sup>32</sup> O tópico, à primeira vista, pode parecer extravagante, mas a verdade é que a sua ancestralidade é atestável, desde a Antiguidade até aos, ao tempo, novos rebatimentos da «doutrina da ciência» (*Wissenschaftslehre*) de Fichte.

No neoplatonismo de Proclo, por exemplo, haverá, de certa maneira, que reservar o espaço de uma «meontologia» como horizonte fundante da «ontologia»: «Quanto aos princípios, portanto, aquilo que não é [ $\text{J} \hat{\text{I}} : \neg \text{D} <$ ] está precisamente para além [ $\text{B} \text{X} 6 \text{g} 4 <$ ] de aquilo que é [ $\text{J} \hat{\text{I}} \text{D} <$ ], enquanto superior [ $6 \text{D} \text{g} \text{A} \text{J} \text{J} \text{D} <$ ] a aquilo que é e uno [ $\text{A} <$ ].» – « $\langle \text{J} \hat{\text{I}} \text{A} \text{H} \cdot \text{D} \text{P} \text{A} \text{H} \text{D} \text{H} \text{J} \text{D} \text{D} \text{D} \text{J} \text{D} \text{H} \text{B} \text{X} 6 \text{g} 4 <$  gÜ2xH JĪ :  $\neg \text{D} <$  ĩH 6DgĀJJ@< J@Ø D<J@H 6" Ā <.», PROCLO, *Elementos de teologia*, n. 138.

Para o Fichte da *Wissenschaftslehre* de Erlangen (1805), «a Luz» (*das Licht*), enquanto figuração do «fundamento» (*Grund*) radicalmente originário, é «um absoluto Nada» (*ein absolutes Nichts*). Cf. Johann Gottlieb FICHTE, *Wissenschaftslehre 1805*, 22; ed. Hans Gliwitzky, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1984, pp. 115-120.

É neste quadro que deve igualmente ser entendida a ulterior equação expressa de «idealismo» e de «nihilismo» (*Idealismus = Nihilismus*), enquanto «rigorosa detecção do Nada absoluto» (*strenge Nachweisung des absoluten Nichts*). Cf. FICHTE, *Einleitungsvorlesungen in die Wissenschaftslehre* (1813); *Werke*, ed. Immanuel Hermann Fichte, reprod. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1971, vol. IX, p. 39.

para este género de derivas escorregadiças – seria certamente equivocarse acerca do nervo estruturante do pensamento de Hegel, e cair sem remédio na senda de extravijs estéreis.

Os pronunciamentos severos – imbuídos, não obstante, de uma salutar e certa aura de bom humor – que Hegel multiplica a propósito dos mergulhos ao lusco-fusco no nocturnal «abismo do vazio» (*Abgrund des Leeren*) são sobejamente conhecidos<sup>33</sup>; eles encerram, quanto ao mais, e sobretudo no contraste que suscitam, todo um apelo vigilante à «coragem» (*Mut*) filosófica<sup>34</sup> de abraçar a demanda de um «conhecimento» (*Erkenntnis*) efectivo, cuja «verdade» (*Wahrheit*) tem sempre que ser concreta<sup>35</sup> na omnilateralidade dos seus conteúdos e dos seus desenvolvimentos.

Por outro lado, e em contrapartida, há que não esquecer que Hegel, sem dúvida, também cuida de erigir «o místico» (*das Mystische*) – e de um modo susceptível até de espalhar alguma perturbação entre os leitores menos treinados, atendendo, desde logo, às frequentes caracterizações da criticada «mística romântica» (*romantische Mystik*) que são levadas a cabo<sup>36</sup> – em resplandecente moldura sinónima daquela «especulação»

<sup>33</sup> Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 22.

Trata-se da passagem em que a dissolução do «saber» (*Wissen*) na «noite» (*Nacht*) onde todos os gatos são pardos – «todas as vacas são pretas» (*alle Kühe schwarz sind*) – configura tão-só «a ingenuidade» (*die Naivität*) da crença nas virtudes transfiguradoras de um «vazio de conhecimento» (*Leere an Erkenntnis*).

Ao que consta, Schelling não terá ficado propriamente satisfeito com estas observações ... Para uma primeira reacção, apesar de tudo, amaciadamente polida: Friedrich Wilhelm Joseph SCHELLING, *Brief an Hegel*, 2. November 1807; *Briefe von und an Hegel*, ed. Johannes Hoffmeister, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1969<sup>3</sup>, vol. I, p. 194.

<sup>34</sup> É neste sentido que «a coragem da verdade» (*der Mut der Wahrheit*) devém «a condição primeira da filosofia» (*die erste Bedingung der Philosophie*). Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, Heidelberger Niederschrift (1817); TW, vol. 18, pp. 13-14, bem como HEGEL, *Konzept der Rede beim Antritt des philosophischen Lehramtes an der Universität Berlin* (1818); TW, vol. 10, p. 404.

<sup>35</sup> «O verdadeiro é o todo [*das Ganze*]. Mas o todo é apenas a essência [*das Wesen*] completando-se através do seu desenvolvimento [*Entwicklung*].» – «Das Wahre ist das Ganze. Das Ganze aber ist nur das durch seine Entwicklung sich vollendende Wesen.», HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 24.

<sup>36</sup> «O princípio da subjectividade em si infinita tem, em primeiro lugar, como vimos, o próprio Absoluto – o Espírito de deus, tal como ele se medeia, e reconcilia, com a consciência humana, e [como], por esse facto somente, é verdadeiramente para ele próprio – como conteúdo [*Inhalt*] da fê [*Glauben*] e da arte [*Kunst*]. Esta mística romântica [*diese romantische Mystik*], na medida em que se circunscreve à beatificação [*Beseligung*] no Absoluto, permanece uma intimidade abstracta [*eine abstrakte*]

(*Spekulation*) que, valorizadamente, é feita ressaltar como figura emblemática da própria dialéctica.

Temos, por isso, que nos entender devidamente quanto ao teor, e quanto ao alcance, genuínos desta hegeliana alusão mística.

Descartemos, desde já, as grotescas eventualidades que suporiam a admissão de algo de obviamente estapafúrdico, em função até da natureza e sentido dos inequívocos e repetidos posicionamentos de Hegel.

Não se trata de maneira nenhuma de incorrer num delicado convite discreto a que se sucumba perante os maviosos sortilégios encantatórios, e a crua irracionalidade adormecente, da requeitada «superstição» (*Aberglaube*) circunfusa e dos requintados ornatos da «abusão» (*Täuschung*) estilizada – tanto nas suas primevas e cândidas versões matinais de inspiração «naturalista»<sup>37</sup>, como segundo o ulterior figurino de transpiração «sacerdotalmente» assistida<sup>38</sup> (mais sofisticado nos seus rebuscamentos, e não menos exuberante).

O primordial tabuleiro de implantação para as aludidas revisitações de «o místico», e os correspondentes termos de referência, são, de um modo acentuado (e bem vincado), outros.

Tal como, a propósito, designadamente, de uma cuidada hermenêutica das repescadas concepções neoplatónicas de Proclo, Hegel se aplica a discernir, e cura de pôr em evidência, a «mistagogia» (: LFJ" (T(\", *Mystagogie*) resolve-se, no fundo, e através (é claro, ou escuro) de toda a ganga de maneirismos de que se faz acompanhar, em um intento filosofante que busca pensar a unidade do múltiplo e a multiplicidade do uno, no horizonte articulado de um «todo» (*Ganze*) de «totalidades» (*Totalitäten*) que constitui ele próprio «o processo» (*der Prozeß*)<sup>39</sup>.

Interpretado deste modo no seu exercício mesmo, que aponta como meta para uma determinada forma de demanda de inteligibilidade (concreta), «o místico» (*das Mystische*), tomado como paradoxal equivalente de «o

*Innigkeit*], porque, em vez de o penetrar e assumir afirmativamente nela, coloca o mundano [*das Weltliche*] diante dela, e repele-o de si.» – «Das Prinzip der in sich unendlichen Subjektivität hat zuerst, wie wir sahen, das Absolute selbst, den Geist Gottes, wie er mit dem menschlichen Bewußtsein sich vermittelt und versöhnt und dadurch erst wahrhaft für sich selber ist, zum Inhalte des Glaubens und der Kunst. Diese romantische Mystik, indem sie sich auf die Beseligung im Absoluten beschränkt, bleibt eine abstrakte Innigkeit, weil sie sich dem Weltlichen, statt es zu durchdringen und affirmativ in sich anzunehmen, gegenüberstellt und dasselbe von sich weist.», HEGEL, *Vorlesungen über die Ästhetik*, II, III, 2; TW, vol. 14, p. 169.

<sup>37</sup> Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 392, com o respectivo Zusatz; TW, vol. 10, pp. 52-57.

<sup>38</sup> Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VI, B, II, a; TW, vol. 3, p. 401.

<sup>39</sup> Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, I, II, III, C, 4; TW, vol. 19, pp. 484 e 475.

especulativo» (*das Spekulative*), e de «o racional» (*das Vernünftige*), só se torna, a bem dizer, «algo de misterioso» (*ein Geheimnisvolles*) para aquelas abordagens que, na sua compleição e procedimento, começam por magnificar «o entendimento» (*der Verstand*) – precisamente, porque este, enredado como está nos paradigmas e prescrições da lógica formal abstracta, se revela por completo incapaz de apreender e de pensar «a unidade concreta das determinações» (*die konkrete Einheit der Bestimmungen*), as quais ele, por sua vez, se limita a fazer valer na reciprocidade imediata da sua «separação» (*Trennung*) e da sua «contraposição» (*Entgegensetzung*)<sup>40</sup>.

Como resulta patente, e de um modo deveras flagrante, aquilo que acontece é que o campo fundamental da *dialéctica* – entrecortado como está pelas vicissitudes mais variadas e retorsas – se encontra por liminar decreto excluído do mapa nestes costumados e celebrados enfoques «próprios do entendimento» (*verständige*); e, não obstante, a sua consideração faz manifestamente falta.

Efectivamente, é toda a exigente prossecução de um saber concreto que reclama ser erguida, e conjuntada, sobre alicerces distintos. É o efectivo pensar da razão que, no seu exercício, se não consuma de todo em imediatez representativa. São as insuficiências de uma confinção restritiva do «ser» do «ente» – tomado, quer no domínio reificado da objectividade externa, quer enquanto subjectividade abstracta e rarefeita – que a cada passo vêm à superfície por irremediável carência de elemento de respiração.

Por conseguinte – e prevenindo de antemão qualquer impulso (eventualmente à espreita) de prematura paralisação desfiguradora de aquilo que em questão (e em devir) se encontra –, «a doutrina do ser» (*die Lehre von dem Sein*) nunca representa senão o primeiro patamar que se impõe levar de vencida para que possa ser retomado o sinuoso percurso que nos deverá conduzir, numa marcha ascendente, às paragens da «essência» (*Wesen*), do «conceito» (*Begriff*), e da «Ideia» (*Idee*).

De facto, é este o processo que, basicamente em causa, se desdobra na «Lógica» – em rigor, na *ontologia* – de Hegel<sup>41</sup>. A mediação pensante

<sup>40</sup> Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 82, Zusatz; TW, vol. 8, em especial, pp. 178-179. Veja-se igualmente: HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, B, 2, b; TW, vol. 18, pp. 100-101, e *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*, III, C, 3; TW, vol. 17, pp. 221-240.

<sup>41</sup> Todas estas abreviaturas esquemáticas apenas fazem as vezes de «mera antecipação» (*bloße Antizipation*), posto que, como o próprio Hegel não deixa de referir, «na filosofia» (*in der Philosophie*), fazer prova (*beweisen*) significa: «mostrar como [é que] o objecto, por ele próprio e a partir [dele próprio], se faz [ou se transforma em] aquilo que ele é [*was er ist*].» – «aufzeigen, wie der Gegenstand durch und aus sich selbst sich zu dem macht, was er ist.», HEGEL, *Enzyklopädie der*

do ser é também um dar conta da historicidade da sua feitura, do seu advento à plenitude realizada das suas possibilidades essenciais.

Quando se fala do «ser», na acepção hegeliana estrita de *Sein*, aquilo que, de ordinário, se pretende é visar significativamente (*meinen*) o ente, no aparecer mesmo da sua imediatidade sensível singular – embora a própria linguagem que o entende captar numa expressão adequada se enfrente, desde logo, com um cortejo não despreciando de nutridas dificuldades, uma vez que, designadamente, «o universal» (*das Allgemeine*) permanece a sua incontornável morada de origem<sup>42</sup>.

Seja como for, e tendo por escopo norteador o apuramento do verdadeiro, mais do que simplesmente falar do «ser» (*Sein*), aquilo de que sobremaneira se trata é de o procurar «conceber» (*begreifen*)<sup>43</sup>.

Há, pois, que surpreender, e que *pensar*, o ser (qualquer que seja a categoria que se venha a revelar como a mais indicada para o reflectir adequadamente), mas – e este consitui um ponto decisivo na configuração da tarefa – a fim de o *conceber* na constitutiva deveniência contraditória concreta do seu processo de «realização [efectiva]» (*Verwirklichung*)<sup>44</sup>.

*philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 83, Zusatz; TW, vol. 8, pp. 179-180.

É seguindo estas pistas que, porventura, poderemos divisar um sentido mais aprofundado para a ontologia hegeliana.

<sup>42</sup> Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, I; TW, vo. 3, pp. 90-92.

Preparando, deste modo, o terreno para «a dialéctica da certeza sensível» (*die Dialektik der sinnlichen Gewi\$heit*), que é indispensável fazer entrar em cena e no circuito, Hegel mostra como «um isto sensível» (*ein sinnliches Dieses*), que é «visado» (*gemeint*) na intencionalidade significativa da representação imediata, acaba, na sua singularidade mesma, por não ser «dito» (*gesagt*) pela «linguagem» (*Sprache*), a qual apenas enuncia acerca dele algo de universal. Bem vistas as coisas, lança Hegel aos partidários da circunscrição principal à imediatez do positivo, «aquilo que vocês querem dizer, não o dizem» – «was sie meinen, sagen sie nicht».

<sup>43</sup> Acerca do efectivo significado, para Hegel, de «o conceber de um objecto» (*das Begreifen eines Gegenstandes*), enquanto aquele processo pensante de desvendamento que conduz da mera constatação da «exterioridade» (*Äu\$erlichkeit*) do «em si» (*an sich*) da coisa até ao «em si e para si» (*an und für sich*) da sua «objectividade» (*Objektivität*) verdadeira, veja-se, por exemplo: HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, Vom Begriff im allgemeinen; TW, vol. 6, p. 255.

<sup>44</sup> Esta dimensão assume, nas diferentes abordagens hegelianas, um posto relevante e do maior alcance: conhecer a verdade de aquilo que é supõe que ele, de alguma maneira, se objective nos tabuleiros da concreção mundana. É assim que, *mutatis mutandis*, «a [efectiva] realização da liberdade» (*die Verwirklichung der Freiheit*) – longe de ser um mero desiderato generoso, ou um postulado a reconhecer nos aconchegos da intimidade moral – se apresenta como algo de a completar no quadro (e na história) de uma comunidade política amadurecida, que lhe confere uma

Eis, com efeito, o projecto e o programa do pensamento de Hegel.

Acontece, todavia, que o seguir desta trajetória, e o empreender deste projecto, que conduz dos patamares da simples «realidade» (*Realität*), enquanto «expressão indeterminada» (*unbestimmter Ausdruck*) do «ser determinado» (*bestimmtes Sein*)<sup>45</sup>, até à totalidade da sua «realidade [efectiva]» (*Wirklichkeit*) porque concreta<sup>46</sup>, nos obrigam a despedir-nos (no entanto, sem quebra de relações) da figura e do momento técnico que correspondem à instância do que Hegel designa por *Sein*.

As convidativas desculpas, e os multiplicados pretextos, para aligeiramente saltar por cima da historicidade inscrita (e vibrátil) no dever mesmo de «aquilo que é» – pese embora a frequência e a circunspecção com que de diferentes quadrantes nos são soprados – não podem mais ser aceites, nem de boa mente permitidos.

Precisamos, portanto, de empreender um determinado recuo, para melhor firmar o ulterior avanço. Há que retomar, mas noutros termos, o próprio sentido da *ontologia*, no caso de querermos divisar a autenticidade do seu sentido hegeliano.

#### §4. «Aquilo que é».

«Ser radical é tomar a coisa na raiz.»<sup>47</sup> – era esta uma das palavras de ordem que Marx formulava nos *Deutsch-Französische Jahrbücher*, de 1844.

Torna-se, na verdade, pertinente uma nova interrogação acerca do fundamental.

A ontologia propõe-se um inquérito acerca da radicalidade do ser. Bom.

vigência efectiva... Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III, II, 2, C, 3, c; TW, vol. 20, p. 307.

<sup>45</sup> Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, III; TW, vol. 6, p. 466.

<sup>46</sup> «A realidade [efectiva, *Wirklichkeit*] é a *unidade da essência e da existência*; nela, a essência *desprovida de figura* [*das gestaltlose Wesen*] e o fenómeno *desprovido de solidez* [*die haltlose Erscheinung*], ou o subsistir desprovido de determinação [*das bestimmungslose Bestehen*] e a multiplicidade desprovida de subsistência [*die bestandlose Mannigfaltigkeit*], têm a verdade deles.» – «Die Wirklichkeit ist die *Einheit des Wesens und der Existenz*; in ihr hat das *gestaltlose Wesen* und die *haltlose Erscheinung* oder das *bestimmungslose Bestehen* und die *bestandlose Mannigfaltigkeit* ihre Wahrheit.», HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, II, III; TW, vol. 6, p. 186.

<sup>47</sup> «Radikal sein ist die Sache an der Wurzel fassen.», Karl MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie. Einleitung* (1844); MEGA<sup>2</sup>, vol. I/2, p. 177.

Antes mesmo de que este ramo de investigações se tenha autonomizado, vindo a receber a sua denominação controlada, e de que haja sido formalmente estabelecido nas escolas como integrando os respectivos currículos de estudo, já os antigos Gregos lhe haviam anteposto a pergunta, porventura, geratriz e determinante:  $\lambda \uparrow FJ4 \text{ J}\hat{\text{T}} \text{ D}<?$  que é «aquilo que é»?

A consciência da tarefa que se impõe levar a cabo surge-nos descorrinável já na *República* de Platão, muito em especial, naquelas recorrentes passagens em que ele cuida de assinalar a imprescindibilidade – para o saber filosófico, que ele designa como «ciência» ( $\uparrow B4FJZ: O$ ) – de «conhecer o que é aquilo que é» ( $(\langle \ddot{a} \langle " 4 \tilde{r}H \S FJ4 \text{ J}\hat{\text{T}} \text{ D}\langle$ )<sup>48</sup>.

Aristóteles, na *Metafísica*, pronuncia-se também acerca deste tópico, porventura de uma maneira ainda mais percuciente, porque amplificante: «aquilo que outrora [BV8" 4], e agora [ $\langle \emptyset \langle$ ], e sempre [ $\bullet g \setminus$ ], é procurado [ $\cdot OJ@b: g \langle @ \langle$ ] e nos causa o embaraço da aporia [ $\bullet B@D@b: g \langle @ \langle$ ] é: que [é] aquilo que é [ $\lambda \setminus \text{ J}\hat{\text{T}} \text{ D}\langle$ ]?»<sup>49</sup>.

Encontramo-nos aqui, a meu ver, confrontados com a interrogação-chave, na medida em que crucial. É ela que, verdadeiramente, nos permite situar e surpreender o horizonte *problemático* da ontologia.

Repito deliberadamente, e sublinho: estou a referir-me à ontologia *enquanto problema*, e não enquanto corpo doutrinário com as suas determinações de usança<sup>50</sup>, uma vez que toda a questão pertinente na sua solidez exige respondimentos, e que estes – na especificidade do seu teor, dos seus propósitos, na bateria de supostos sobre os quais se erguem – se virão a tornar, por certo, acentuadamente muito diferentes, segundo a multiplicidade dos enquadramentos e das dogmáticas (mesmo lá onde a dimensão crítica não se vê dispensada) aos quais constitutivamente se prendem.

A ontologia – enquanto domínio delimitado de matérias a converter em objecto de indagação – define-se originariamente pelo questionário

<sup>48</sup> Cf. PLATÃO, *República*, V, 477 b. A Hegel, por seu turno, observações desta índole também lhe não escapam. No entender dele, faz parte do ensinamento nuclear de Sócrates ter mostrado que «aquilo que é» (*das, was ist*) conhece já a «mediação» (*Vermittlung*) do «pensar» (*Denken*), o que haveria levado os humanos a assentar a pesquisa, não fora (na exterioridade da envolvimento), mas neles próprios, numa sondagem dos recônditos íntimos da subjectividade. Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, I, I, 2, B; TW, vol. 18, pp. 444 e 457.

<sup>49</sup> « $\text{J}\hat{\text{T}} \text{ BV8" 4 Jg 6" \hat{A} \langle \emptyset \langle 6" \hat{A} \bullet g \hat{A} \cdot OJ@b: g \langle @ \langle 6" \hat{A} \bullet g \hat{A} \bullet B@D@b: g \langle @ \langle, \lambda \setminus \text{ J}\hat{\text{T}} \text{ D}\langle$ », ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 1, 1028 b 2-4.

<sup>50</sup> Para outros desenvolvimentos em torno desta matéria, que me parece merecedora de atenção, veja-se, por exemplo, o meu ensaio: «Sentido de uma revisitação da ontologia», *Caminhos do Pensamento. Estudos em homenagem ao Professor José Enes*, ed. José Luis Brandão da Luz, Lisboa, Edições Colibri – Universidade dos Açores, 2006, pp. 121-141.

que a comanda: o seu conteúdo teórico preciso ganha, por sua vez, estação e contornos, como é óbvio e se torna desnecessário repisar, pelas respostas determinadas que para ele vão sendo encontradas.

É porém altura de – respaldados embora na perspectiva orientadora do enfoque proporcionada pelas observações que acabamos de fazer – regressar, mais de perto, às localizações hegelianas desta temática, e ao respectivo tratamento.

Retenhamos, para abrir a praça, e ao jeito de um singelo preliminar (de cuja cartola não haverá, porém, que pretender, em habilidosos passes de mágica manipulação prestidigitatória, fazer sair mais lebres filosóficas do que aquelas que ele efectivamente lá dentro contém), que o próprio Hegel se encarrega de traduzir a expressão técnica dos Gregos «*ἴ ἐ<*» por «das, was ist»<sup>51</sup> – literalmente, e no meu entender de um modo correcto: «aquilo que é».

Mas, a bem dizer, não é tudo.

«Das, was ist», rigorosamente considerado, vai ser chamado a converter-se, do ponto de vista hegeliano, no próprio núcleo fundamental, no centro de fermentação, de todo o interesse filosófico.

A pertinente formulação que ocorre na *Rechtphilosophie* é, de resto, aguda na sua concisão, e encontra-se carregada de implicações:

«Conceber [*begreifen*] aquilo que é [*das was ist*] é a tarefa [*die Aufgabe*] da filosofia»<sup>52</sup>.

Deparamo-nos aqui com uma declaração, ou uma aclaração, substancial – que, a diversos títulos, é merecedora de atenta nota. Sem que a palavra chegue sequer a ser pronunciada, verificamos que o objecto hegeliano da filosofia se vem afinal a resolver em uma *ontologia*, expressamente consonante com a proposta de caracterização que acabamos de esboçar.

Todavia, uma vez adiantada esta observação, o assunto ainda não fica de pronto arrumado. Ulteriores interrogações se levantam. E, desde logo, esta:

Que temos nós determinadamente em vista quando encaramos «aquilo que é» como o alvo mobilizador da intenção filosófica?

As possibilidades de respondimento são, à partida, múltiplas.

---

<sup>51</sup> Cf., por exemplo: HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, I, I, 3, A; TW, vol. 19, p. 50.

<sup>52</sup> «Das was ist zu begreifen, ist die Aufgabe der Philosophie», HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrecht und Staatswissenschaft in Grundrisse*, Vorrede; TW, vol. 7, p. 26.

Manifestamente, não se tratará daquele «das, was ist» (correspondente à finitude ôntica) que permanece enclausurado nas fronteiras da exterioridade da empiria (ou da experiencição subjectiva interna), ou seja, encerrado nos estreitos limites da imediatez do «fenómeno» (*Erscheinung*); este ponto constitui, de resto, o fundamental do reparo que é dirigido por Hegel contra as posições de John Locke<sup>53</sup>.

«Aquilo que é» também não será um qualquer hipostasiado «Além» (*Jenseits*) da experiência, catapultado em velocidade acelerada sabe-se lá para onde, e, com a trans-posição deste modo efectuada, dando sorratamente lugar a toda a sorte daquelas dualizações e redobros de que agradadamente se apascenta, nas filigranas do seu largo curso, a metafísica tradicional<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> Na sequência da exposição do privilégio lockeano atribuído à «intuição» (*Anschauung*) no âmbito da «experiência» (*Erfahrung*), e do correspondente confinamento das «ideias» (*Ideen*) à «significação de representações» (*Bedeutung von Vorstellungen*) sediadas no campo da consciência, Hegel comenta num endereço com ressonâncias onto-gnosiológicas: «A raciocinação [*Räsonnement*] de Locke é totalmente chã [*seicht*]; atém-se totalmente apenas ao fenómeno, a aquilo que é, não a aquilo que é verdadeiro [*was wahr ist*]. Ele desistiu totalmente da finalidade e do interesse [próprios] da filosofia.» – «Lockes Räsönment ist ganz seicht; es hält sich ganz nur an die Erscheinung, an das, was ist, nicht was wahr ist. Den Zweck und das Interesse der Philosophie hat er ganz aufgegeben.», HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III, II, 1, B, 1; TW, vol. 20, p. 214.

Para Hegel, portanto, «o caminho do lockeanismo» (*der Weg des Lockeanismus*) consiste na tentativa de «derivar o pensamento do [*aus dem*] imediatamente dado do mundo dos fenómenos» – «den Gedanken aus dem unmittelbar Gegebenen der Erscheinungswelt abzuleiten», HEGEL, *Über Friedrich Heinrich Jacobis Werke, Dritter Band* (1817); TW, vol. 4, p. 431.

Em conformidade, na perspectiva de Locke, e para «todos os empiristas» (*alle Empiriker*) em geral, observa Hegel, «o pensar» (*das Denken*), no quadro reitor de um analiticismo do «conhecer finito» (*endliches Erkennen*) desdialectizado, adquire «apenas a significação da abstracção ou da identidade formal» – «nur die Bedeutung der Abstraktion oder der formellen Identität», HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 227, Zusatz; TW, vol. 8, p. 380.

<sup>54</sup> «A filosofia conhece aquilo que é, e, nessa medida, o seu conteúdo [*Inhalt*] não está além [*jenseits*], não é diverso [*verschieden*] de aquilo que se expõe também ao sentido [*Sinn*], ao sentimento [*Gefühl*] externo e interno, [não é diverso] de aquilo que o entendimento alcança e para ele [próprio, *sich*] determina.» – «Die Philosophie erkennt das, was ist, und insofern ist ihr Inhalt nicht jenseits, nicht von dem verschieden, was sich auch dem Sinne, dem äußeren und inneren Gefühl darstellt, was der Verstand erfaßt und sich bestimmt.», HEGEL, *Konzept der Rede beim Eintritt des philosophischen Lehramtes an der Universität Berlin* (1818); TW, vol. 10, p. 405.

Ademais, o «das, was ist» que se busca não é simplesmente «was vorhanden ist», o existente à mão de semear no imediato «disponível», mas antes aquilo que, na unidade determinada do seu movimento mesmo de concreção (na sua processualidade histórica), se vai elevando «desde a forma da exterioridade e da singularidade à forma da razão» (*aus der Form der Äußerlichkeit und Einzelheit in die Form der Vernunft*)<sup>55</sup>.

É por isso que a passagem da *Rechtsphilosophie* que ainda há pouco referíamos – e que enunciava «aquilo que é» como o escopo em torno do qual o interesse filosófico é chamado a organizar-se – prossegue, e se conclui, por uma justificação que importa cuidadosamente reter no seu genuíno alcance: «pois, aquilo *que é* é a razão [*die Vernunft*].»<sup>56</sup>.

À filosofia, por constitutivo rasgo, incumbe «conceber» (*begreifen*) «aquilo que é». Muito bem, convenhamos que sim.

No entanto, torna-se indispensável acrescentar algo mais: não apenas a fim de a filosofia se desempenhar da diligência metódica (subjectivamente racional) que em próprio lhe cabe enquanto desenvolvido exercício do pensar<sup>57</sup>, mas também porque o «aquilo que é» que, por exigência matricial, ela demanda se apresenta ele próprio como sendo, de acordo

<sup>55</sup> Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 444, Zusatz; TW, vol. 10, p. 239. Para uma crítica da «ilusão» (*Schein*) que consiste em supôr que «o saber» (*das Wissen*) tem por «conteúdo» (*Inhalt*) real «um objecto dado» (*ein gegebener Gegenstand*), «de fora» (*von außen*) acabadamente advindo sem mediação, veja-se, por exemplo, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 442, Zusatz; TW, vol. 10, pp. 235-236.

<sup>56</sup> «denn das *was ist*, ist die Vernunft.», HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede; TW, vol. 7, p. 26. No pensamento hegeliano, este filosofema é recorrente: «o racional» (*das Vernünftige*) é «aquilo que verdadeiramente é» (*das, was wahrhaft ist*) – cf. HEGEL, *Konzept der Rede beim Eintritt des philosophischen Lehramtes an der Universität Berlin* (1818); TW, vol. 10, p. 406.

Em conformidade, a filosofia – designadamente, no quadro de um combate contra as pulsões de obediência schellinguiana coevas que visavam encaminhá-la para «a imaginação» (*die Einbildungskraft*) e para «a fantasia» (*die Phantasie*) –, é-nos apresentada como «coisa», e como uma «causa», «da razão» (*Sache der Vernunft*). Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*, II, Einleitung; TW, vol. 9, p. 10.

<sup>57</sup> «O pensar consiste em trazer à unidade todo o múltiplo.» – «Das Denken besteht darin, alles Mannigfaltige in die Einheit zu bringen.», HEGEL, *Logik für die Mittelklasse* (1810/1811), Einleitung, § 2; TW, vol. 4, p. 163.

Por sua vez, e em directa articulação com esta perspectiva, a filosofia, «enquanto pensar concebente» (*als begreifendes Denken*), é «conhecimento do desenvolvimento do concreto» (*Erkenntnis der Entwicklung des Konkreten*). Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, A, 2, c; TW, vol. 18, p. 46.

com o vocabulário técnico de Hegel, da ordem do «conceito» (*Begriff*)<sup>58</sup>, posto que este último somente se encontra, com efeito, em medida de nos proporcionar «a realidade [efectiva]» (*die Wirklichkeit*) do «Espírito» (*Geist*).

«O conceito» (*der Begriff*, rigorosamente tomado) não se reduz, portanto, a um ideado na forma do pensar que meramente é «em si» (*an sich*) verdadeiro. Ele tem que começar por se fenomenalizar, tem que estar objectivado na sua concreção mediada, de molde a poder tornar-se termo de uma assunção re-flectida num saber concreto da sua realidade.

Este é, aliás, o sentido de uma precisão que, designadamente, ocorre nas *Lições sobre a Filosofia da Religião*:

«Mas este conceito tem que estar acabado [*fertig sein*] não apenas *enquanto* [acabado] *na filosofia*, ele não é apenas *em si* o [conceito] verdadeiro; pelo contrário, a condição [*das Verhältnis*] da filosofia é conceber aquilo que *é*, aquilo que, para si [*für sich*], é de antemão [efectivamente] real [*vorher wirklich ist*]. Todo o verdadeiro [*alles Wahre*] começa no seu fenómeno [*Erscheinung*], quer dizer: no seu *ser* [*Sein*] com a forma da *imediatidade* [*von der Form der Unmittelbarkeit*]. O conceito [*der Begriff*] tem, portanto, que estar disponível [*vorhanden*] em si [*an sich*] no Espírito [*im Geiste*], na *autoconsciência* [*Selbstbewußtsein*] dos seres humanos, o Espírito do mundo [*der Weltgeist*] [tem que] se ter apreendido assim.»<sup>59</sup>.

<sup>58</sup> «somente o conceito (não aquilo que frequentemente se ouve chamar assim, mas é apenas uma determinação abstracta de entendimento [*eine abstrakte Verstandesbestimmung*]) é aquilo que tem *realidade* [efectiva, *Wirklichkeit*], e, por certo, de tal modo que ele se dá essa própria [realidade efectiva]. Tudo aquilo que não é essa realidade [efectiva] posta pelo próprio conceito é *existência* transitória [*vorübergehendes Dasein*], contingência exterior [*äußerliche Zufälligkeit*], opinião [*Meinung*], fenómeno desprovido de essência, inverdade [*Unwahrheit*], engano [*Täuschung*], etc.» – «der *Begriff* (nicht das, was man oft so nennen hört, aber nur eine abstrakte Verstandesbestimmung ist) allein es ist, was *Wirklichkeit* hat und zwar so, daß er sich diese selbst gibt. Alles, was nicht diese durch den Begriff selbst gesetzte Wirklichkeit ist, ist vorübergehendes *Dasein*, äußerliche Zufälligkeit, Meinung, wesenlose Erscheinung, Unwahrheit, Täuschung usf.», HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, § 1; TW, vol. 7, p. 29.

<sup>59</sup> «Aber dieser Begriff muß nicht nur *als in der Philosophie fertig sein*, er ist nicht nur *an sich* der wahre; im Gegenteil, das Verhältnis der Philosophie ist, das zu begreifen, was *ist*, was für sich vorher wirklich ist. Alles Wahre fängt in seiner Erscheinung, d. h. in seinem *Sein* von den Form der *Unmittelbarkeit* an. Der Begriff muß also in dem *Selbstbewußtsein* der Menschen, im Geiste an sich vorhanden sein, der Weltgeist sich so gefaßt haben.», HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*, III, C, III, 1; TW, vol. 17, p. 309.

Observemos, entretanto (voltaremos ao tópico num instante), que esta passagem faz parte de uma secção intitulada: «conceito da comuna» (*Begriff der Gemeinde*),

Todavia, esta objectivação necessária não se dilui em exclusivo nos curiosos rendilhados de uma qualquer imediatez fortuita simplesmente adveniente. Ainda que tecido e entretecido de historicidade nos seus meandros absconditos e no cerne das suas aflorações que se distendem no seio da fenomenalidade, «aquilo que é» não se converte, por esse facto, numa simples sequência acontecimental (a guardar, por certo, em adequado registo) de contingências aleatórias e de pormenores miúdos vários que vão povoando e sinalizando a marcha do seu devir.

É neste horizonte, de resto, que, na economia articulada (e na hierarquia) dos diferentes saberes, se vêm a aclarar também algumas delimitações de especificidade disciplinar, em função, justamente, da dominância do interesse teórico que em cada eventualidade se mostra prevalecente:

«Do lado da História, nós temos a ver com aquilo que foi [*was gewesen ist*] e com aquilo que é [*das, was ist*]; na Filosofia, porém, [nós temos a ver] com aquilo que nem apenas foi nem que somente apenas será, mas com aquilo que é, e é eterno [*ewig*] – [temos a ver] com a razão»<sup>60</sup>.

Atentamente consideradas as coisas, uma desafiante perplexidade mais poderá assaltar-nos aqui. E ela é susceptível de nos ser apresentada sob o visio de uma dupla interrogação:

o que, por outro lado, não deixa de nos colocar perante uma visão acentuadamente *comunitária* do «Espírito», no seu contorno histórico de realização efectiva.

<sup>60</sup> «Wir haben es nach der Seite der Geschichte mit dem zu tun, was gewesen ist, und mit dem, was ist; in der Philosophie aber mit dem, was weder nur gewesen ist noch erst nur sein wird, sondern mit dem, was *ist* und *ewig ist* – mit der Vernunft», HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, Einleitung, Geographische Grundlage der Weltgeschichte; TW, vol. 12, p. 114.

Encarada sob este exigente prisma radicalizador, a Filosofia não deve, por conseguinte, resolver-se em uma florida «narrativa» (*Erzählung*), pormenorizada e rapsódica, de «aquilo que acontece» (*was geschieht*), ou vai acontecendo, mas procurar e constituir um «conhecimento» (*Erkenntnis*), unificado e no limite: sistémico, de aquilo que «aí» (*darin*), no processo da sua mostraçã, «é verdadeiro» (*wahr ist*); é neste sentido que, «além disso» (*ferner*), ela tem que «conceber, a partir do verdadeiro, aquilo que na narrativa aparece como um mero acontecer» (*aus dem Wahren das begreifen, was in der Erzählung als ein bloßes Geschehen erscheint*). Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, Vom Begriff im allgemeinen; TW, vol. 6, p. 260.

No que diz, em particular, respeito à imprescindível distinção a estabelecer entre «o mundo do fenómeno» (*die Erscheinungswelt*), o qual recobre aquilo que imediatamente se passa «na vida comum» (*im gemeinen Leben*), e «a realidade [efectiva]» (*die Wirklichkeit*), que, por sua vez, obriga a todo um esforço de reflexão discriminante, isto é, a que «se veja através da superfície» (*man muß durch die Oberfläche hindurchsehen*) das coisas, bem como no que toca à relacionalidade dialéctica que entrelaça estes planos, veja-se, por exemplo: HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, I, I, 3, A, 3; TW, vol. 19, pp. 110-111.

Estaremos nós, afinal, tão-só em vias de padecer de uma inesperada recaída (se bem que em suavizado deslizo) naquele metafísico dualismo do ser – imponente, sem dúvida, na sua ancestralidade remota e moderna – que principalmente cura de apartar o *Sein* e a *Wesen*, a facticidade imediata do «dado» e a «essência» configurada na forma do conceito<sup>61</sup>?

Estaremos nós na ameaçadora iminência de inapelável naufrágio nos escolhos traiçoeiros de um frequentado desdobramento dis-juntivo<sup>62</sup> em polarizações extremadas (que desconhecem mediação), onde as almas mais predispostas à ênfase do achado chegam mesmo a pretender divisar alguns traços daquele «dever-ser» (*Sollen*) tão kantado que Hegel, recorrentemente, não deixou de denunciar da maneira mais resoluta<sup>63</sup>?

<sup>61</sup> Com efeito, enredada, quanto à principalidade inquestionada dos seus procedimentos, na «forma do entendimento pensante» (*Form des denkenden Verstandes*), «a metafísica moderna» (*die moderne Metaphysik*), fiel depositária dos tiques e dos toques herdados de toda uma robusta tradição escolar enraizada, apenas se abalança, em conformidade, a desenvolver «os opostos em contradições absolutas» (*die Gegensätze zu absoluten Widersprüchen*), num movimento que, por consequência, a cada passo faz contrastar, como corolário de coroamento (designadamente, no marco teológico), o «aquém» (*Diesseits*) e o «além» (*Jenseits*). Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III, II, 1, C, 3; TW, vol. 20, pp. 264-265.

É também neste sentido que a metafísica – e não apenas a de proveniência cartesiana – se revela incapaz de chegar ao pensamento da «unidade do ser e do conceito» (*Einheit des Seins und des Begriffs*). Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VI, B, II, b; TW, vol. 3, p. 429.

<sup>62</sup> Segundo Hegel, porém, a disjunção abstracta – recolhida na forma sacramental do «ou ... ou» (*Entweder/Oder*) – representa uma das marcas distintivas do metafísico típico do entendimento. Cf., por exemplo: HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 119, Zusatz 2; TW, vol. 8, pp. 246-247.

Resulta daqui a necessidade, para a dialéctica do saber especulativo, de ter, de igual modo e designadamente, em conta as formas do «não só ... mas também» (*Sowohl ... als auch*), e do «nem ... nem» (*Weder ... Noch*). Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, I, 2, D, 2; TW, vol. 19, p. 399.

A questão fulcral, para Hegel, é sempre a de – mesmo na dinâmica do «silogismo disjuntivo» (*disjunktiver Schluß*) – não reter somente «uma imediatidade» (*eine Unmittelbarkeit*) desconectada do processo de «mediação» (*Vermittlung*) que a configura e que permite apurar a concreção do «conceito» (*Begriff*) na sua «objectividade» (*Objektivität*) também a partir do seu «ser-outro» (*Anderssein*). Cf., por exemplo, HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, I, 3, C, c; TW, vol. 6, p. 401.

<sup>63</sup> «Aquilo que *deve* ser, de facto, também *é*; e aquilo que apenas *deve* ser, sem [todavia] *ser*, não tem verdade nenhuma.» – «was sein *soll*, *ist* in der Tat auch; und was nur sein *soll*, ohne zu *sein*, hat keine Wahrheit.», HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, V, Beobachtende Vernunft, Beobachtung der Natur; TW, vol. 3, p. 192.

Para outros desenvolvimentos em torno da crítica hegeliana do *Sollen*, veja-se, nomeadamente: HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, I, I, 2, B, c, § (TW, vol. 5, pp. 142-148); *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*

No que toca à primeira questão, o seu próprio estabelecimento – no caso de se pretender atingir algo mais do que um simples efeito retórico preventivo, de chamada de atenção para um problema – passa com ligeireza por alto dimensões fundamentais da *dialecticidade* que, ontologicamente, embebe todas as abordagens hegelianas.

Por um lado, «o ser é *essência*» (*das Sein ist Wesen*), na justa medida em que corresponde a uma figura de imediatez na sua mostração, no seu aparecer; na própria re-flexão deveniente em que consiste, no desdobrar da negatividade interna que nele in-siste, *das Sein* percorre a mediação que revela *das Wesen* de que é portador<sup>64</sup>. É por isso que, nos termos de uma declaração inaugural da *Ciência da Lógica*, «a verdade do ser é a *essência*» (*die Wahrheit des Seins ist das Wesen*)<sup>65</sup>.

Por outro lado, na consideração destes desenvolvimentos – da história do ente, da história social, da história da Natureza –, «o interessante» (*das Interessante*), do ponto de vista do «conceito» (*Begriff*), não é a mera diacronia (ou sincronia) da datidade discreta das instanciações; ele reside, sim, em «o racional» (*das Vernünftige*) que nos desvenda «aquilo que é» (*das, was ist*): «O sentido e [o] espírito do processo é a conexão interna» (*der Sinn und Geist des Prozesses ist der innere Zusammenhang*)<sup>66</sup>.

(1830), § 234 (TW, vol. 8, pp. 386-387); *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, § 135 (TW, vol. 7, pp. 252-254); etc.

<sup>64</sup> «O ser é *essência*. A saber: o puro ser não é negação exterior de toda a determinidade, mas ele é nele próprio o simples [*das Einfache*], a ligação negativa a si: *re-flexão* que a si própria se determina.» – «Das Sein ist Wesen. Das reine Sein ist nämlich nicht die äußerliche Negation aller Bestimmtheit, sondern es ist an ihm selbst das Einfache, die Negative Beziehung auf sich; sich selbst bestimmende Reflexion.»; HEGEL, *Religionslehre für die Mittel- und Oberklasse (1811-1813)*, Über den Begriff Gottes, § 2; TW, vol. 4, p. 280.

<sup>65</sup> «A verdade do ser é a *essência*. O ser é o imediato. O saber, ao querer conhecer o verdadeiro – aquilo que o ser *em e para si* é –, não permanece junto do imediato e das suas determinações, mas penetra através dele, com a pressuposição de que *por detrás* desse ser ainda há algo de outro do que o próprio ser, de que este plano recuado constitui a verdade do ser. [...]. O saber, somente ao *recordar-se* [ao descer ao interior, *er-innern*] do ser imediato, encontra, através desta mediação, a *essência*.» – «Die Wahrheit des Seins ist das Wesen. Das Sein ist das Unmittelbare. Indem das Wissen das Wahre erkennen will, was das Sein *an und für sich* ist, so bleibt es nicht beim Unmittelbaren und dessen Bestimmungen stehen, sondern dringt durch dasselbe hindurch, mit der Voraussetzung, da\$ *hinter* diesem Sein noch etwas anderes ist als das Sein selbst, da\$ dieser Hintergrund die Wahrheit des Seins ausmacht. [...]. Erst indem das Wissen sich aus dem unmittelbaren Sein *erinnert*, durch diese Vermittlung findet es das Wesen.»; HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, II; TW, vol. 6, p. 13.

<sup>66</sup> Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 339, Zusatz; TW, vol. 9, p. 348.

A «essência» manifesta-se nas determinações imediatas do «ser», e a partir (e através) delas se reconstrói; o «ser», na sua própria deveniência, encontra-se unificado por uma verdade «essencial»; a racionalidade que se demanda prende-se com o vínculo *estruturante* (a pensar) que enlaça e determina a pluralidade coetânea e sequencial dos momentos.

As «soluções» dualistas, ou dualizantes, apresentam-se, por conseguinte, como estranhas ao horizonte propriamente *hegeliano* de tratamento dos problemas.

Quanto à famigerada e *vexata quaestio* do «dever-ser» (*Sollen*) – que nestas ocasiões também nos surge, por vezes, invocada – subsistem alguns aspectos que, contudo, requerem uma conveniente dilucidação.

Desenvoltos golpes de tesoura hermenêutica no recorte hábil, mas precipitado, de certos extractos seleccionados poderiam, aparentemente, conduzir ao respaldo de interpretações alegadamente deónticas do pensamento de Hegel:

«Não é aquilo que é [*das, was ist*] que nos faz impetuosos [*ungestüm*] e [nos torna] sofredores [*leidend*], mas [o facto de] que ele não é tal como deve ser [*wie es sein soll*]; se, porém, conhecermos que ele é tal como tem que ser [*wie es sein muß*] – quer dizer: [que ele é] não por arbitrio e [por] acaso [*nicht nach Willkür und Zufall*] –, então, nós conhecemos também que ele deve ser assim.»<sup>67</sup>.

No entanto, devidamente ponderada a concreção de aquilo que nos está de facto a ser transmitido, acaba por se verificar que – mesmo quando somos inopinadamente confrontados de sopetão com o desgarramento de afirmações desta natureza e teor – não será propriamente dos lados de uma recuperação normativa ou axiológica do *Sollen*, enquanto testemunho de uma ordem moral sobrepairante ao mundo (na clausura da interioridade revelada)<sup>68</sup>, que a posição hegeliana busca abrigo.

<sup>67</sup> «Nicht das, was ist, macht uns ungestüm und leidend, sondern daß es nicht ist, wie es sein soll; erkennen wir aber, daß es ist, wie es sein muß, d. h. nicht nach Willkür und Zufall, so erkennen wir auch, daß es so sein soll.», HEGEL, *Die Verfassung Deutschlands* (1800-1802), B; TW, vol. 1, p. 463.

Para ulteriores desenvolvimentos dialécticos (e não «estoicamente» acomodaticios) em torno deste tópico, nomeadamente, de como, num registo de abstracta moralidade formal (a criticar), «o sentimento prático» (*das praktische Gefühl*) propende ao entendimento de «o mal» (*das Übel*) como residindo tão-só em «a inadequação do ser ao dever-ser» (*die Unangemessenheit des Seins zu dem Sollen*), veja-se, por exemplo, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 472; TW, vol. 10, pp. 292-295.

<sup>68</sup> Não é de todo por ocasional indisposição biliar que Hegel, tomando o contra-pé destas melodiosas endechas de extracção kantiana, assinala a entristecida falta de «força» (*Kraft*) da «alma bela» (*schöne Seele*) – encafuada na intimidade acolhedora

O posicionamento polémico de Hegel nestas disputadas pendências apresenta-se como de uma clareza meridiana:

Não é porque algo *deve* ser – que ele *é* «aquilo que é».

Muito pelo contrário.

É apenas porque a «razão» (não apenas enquanto convicção íntima peculiar, mesmo se, e quando, relevando do sentimento «reflectido»), de alguma maneira, nos descobre e nos entrega, em escorço, «aquilo que é» (no seu sentido dialéctico concreto e objectivo), que este poderá assumir – do ponto de vista da moralidade subjectiva, e no marco regulador que lhe corresponde – o eventual viso de um «dever-ser».

Decididamente, é a própria racionalidade *do ser* que, pela sua implantação no terreno ontológico, começa por fundar a possibilidade real subsequente de um endereço de sinal «moralizante» (porventura, revestido de algumas fulgurâncias «deônticas», e nessa adaptada clave entoadado), enquanto encaminhamento prático (desse jeito suscitado) a uma transformação material que reclama instanciação objectiva.

Trata-se, no fundo, e no prologamento vital (bem)intencionado destas exortações hegelianas, de compreender e de enformar todo um incontornável empreendimento de materialização que em aberto espreita.

No seu cerne, entretanto, as coisas mudaram já acentuadamente de figura.

A «exigência» (ético-prática) que se soergue, no contrastado horizonte de uma singular reversão dos aclamados propósitos mais em voga, adquire agora um desígnio e uma sonoridade novos:

*converter* – no quadro e no tabuleiro dos agenciamentos do mundo humano que se perfilam e desenham – «a realidade [efectiva] da finalidade» (*die Wirklichkeit des Zwecks*) ... em «finalidade do agir» (*Zweck des Handelns*)<sup>69</sup>.

da sua «consciência moral» (*Gewissen*), onde justamente sente o acalentador conforto dessa ordem superior do *Sollen* – para... «suportar o ser» (*das Sein zu ertragen*).

Em conformidade, não resta à delicada e melancólica *schöne Seele* senão ir arrasando o viver, na permanente e «infeliz angústia» (*unglückliche Angst*) de vir a «manchar o esplendor do seu íntimo pela acção e pela existência» (*die Herrlichkeit seines Innern durch Handlung und Dasein zu beflecken*). Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VI, C, c; TW, vol. 3, p. 483.

Para uma articulação destes tópicos com o sentimento, em diversas orientações dominante, da «vanidade de toda a objectividade» (*Eitelkeit aller Objektivität*), centrado na sobre-insuflação da instância apenas *subjectiva* da «consciência moral» (*Gewissen*) enquanto «concordância reflectida comigo [póprio]» (*reflektierte Übereinstimmung mit mir*), que, no limite da sua implicação, se apresta a pretender que algo é «bom, porque [disso] eu estou convencido» (*gut, weil Ich überzeugt bin*), veja-se, por exemplo: HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, § 140; TW, vol. 7, pp. 279-280.

<sup>69</sup> Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VI, A, b; TW, vol. 3, p. 348.

A *determinância*, na perscrutação hegeliana das relações de «ser» e de «dever-ser», sofre, assim, um assinalável reviramento no seu sentido orientador. É a realidade efectiva do «ser» que tem que comandar o «dever-ser» da sua instauração (prática) objectiva.

O imperativo devém fazer com que «aquilo que é» ... verdadeiramente *seja* – portanto, não apenas no céu estrelado do *Sollen* das diáfanas ideias edificantes<sup>70</sup>, mas também com uma presença atestada num contorno de exterioridade histórico-mundana objectivamente cognoscível<sup>71</sup>.

No brilho da sua refulgência, é afinal o majestoso tema hegeliano da «realização da razão» (*Verwirklichung der Vernunft*) – certamente eivado de ambiguidades várias, e, não apenas por isso, tão mal compreendido amiúde (mas de cuja relevância a explorar o discipulato mais próximo de Hegel com nitidez se apercebeu<sup>72</sup>) – que, nas suas linhas estruturantes,

<sup>70</sup> Como é sabido, Hegel não perdia uma ocasião para, com a sua usitada acutilância, pôr em guarda contra o luzido cortejo palavreado de todas aquelas magníficas «declamações» (*Deklamationen*) sonoras que «elevam o coração, e deixam vazia a razão» (*das Herz erheben und die Vernunft leer lassen*), que «edificam, mas não constroem nada» (*erbauen, aber nichts aufbauen*)... Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, V, B, c; TW, vol. 3, p. 289.

Para outras prevenções relativamente à difusa tentação de querer tornar o discurso filosófico do pensar numa «filosofia edificante» (*erbauliche Philosophie*), veja-se, por exemplo: HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede (TW, vol. 3, p. 17), bem como a referência que ocorre, num parecer de 1816, *Über den Vortrag der Philosophie auf Universitäten* (TW, vol. 4, p. 424).

<sup>71</sup> Contrariamente ao disseminado «sentimento habitual» (*gewöhnliches Gefühl*), nem «uma existência contingente» (*eine zufällige Existenz*) merece «o enfático nome de algo de [efectivamente] real» (*der emphatische Namen eines Wirklichen*), nem «a realidade [efectiva] do racional» (*die Wirklichkeit des Vernünftigen*) está condenada ao estatuto impotente das «quimeras» (*Chimären*) acantonadas no reduto idealizado do «dever-ser» (*Sollen*). Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 6; TW, vol. 8, pp. 47-49.

<sup>72</sup> Limite-me a alinhar aqui a indicação de alguns indícios esparsos, mas, todavia, consistentes. Na carta que acompanha o envio a Hegel da dissertação que acabava de submeter à Universidade de Erlangen para a obtenção do grau de doutor (intitulada na publicação: *De ratione una, universali, infinita*), Ludwig Feuerbach esclarece que, nesse seu escrito, procurou desenvolver «uma maneira do filosofar» (*eine Art des Philosophierens*) que visa apresentar-se, precisamente, como «a realização e mundanização da Ideia» (*die Verwirklichung und Verweltlichung der Idee*), como «a ensarcese ou encarnação do logos puro» (*die Ensarkosis oder Inkarnation des reinen Logos*). Cf. FEUERBACH, *Brief an Hegel*, 22. November 1828; GW, vol. 17, p. 105.

Procurando, por sua vez, delinear nos seus contornos desafiantes «a práxis pós-teórica que há-de caber ao futuro» (*die nachtheoretische Praxis, die der Zukunft anheim fallen wird*) como tarefa a cumprir, o polaco August von Cieszkowski, antigo auditor das lições berlinenses de ex-assistentes de Hegel (designadamente,

aqui nos retorna, nesta configuração ontológica. Desta feita, e do mesmo passo, sob a forma enérgica de um incitamento ágil a uma lúcida e conseqüente tomada a cargo dos compromissos do ser na história – uma obra em estaleiro, na qual os seres humanos se encontram, e a diversos títulos, incontornavelmente envolvidos.

Na prossecução *in concretis* desta aventura que ante o nosso olhar se desenrola, o exigente esforço da «razão pensante» (*denkende Vernunft*) não pode ser objecto de parcimoniosa poupança: «aquilo que é [*was ist*] é, *em si* [*an sich*], racional, mas, por esse facto, ele ainda [o] não [é] *para* o ser humano [*für den Menschen*], *para* a consciência; para ele, o racional [*das Vernünftige*] somente se tornará aquilo que verdadeiramente é pela actividade e [pelo] movimento do pensar»<sup>73</sup>.

Mas, por outro lado, e do mesmo modo, também não se pode tranquilamente saltar por cima do esforço humano comunitário, prático, de pôr de pé na história esse «racional», cuja realização, afeiçoada num labor colectivo da lavrança da história na sua fenomenalidade aparente,

de Eduard Gans e de Karl Ludwig Michelet), recorda: «A humanidade tem a destinação [*Bestimmung*] de realizar o seu conceito [*Begriff*], e a história é, precisamente, a execução [ou a levada a cabo, *Durchführung*] deste processo de realização.» – «Die Menschheit hat die Bestimmung, ihren Begriff zu realisieren, und die Geschichte ist eben die Durchführung dieses Realisierungsprocesses.» Cf. August von CIESZKOWSKI, *Prolegomena zur Historiosophie* (1838), I; ed. Rüdiger Bubner, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1981, respectivamente, pp. 19 e 21.

E na mesma direcção fundamental se encaminha ainda o pensamento do jovem-hegeliano Karl Friedrich Köppen, quando, num contexto combativo de encarniçada publicística, e com vista a sublinhar a necessidade de o positivo, de o existente dado circundante, se vir a transformar também em algo de racional, observa: «Aquilo que não é pode ainda devir [vir a ser, *werden*], ou, antes, devirá, porque ele não é. [...]. O racional faz-se, assim, a pouco e pouco, e ele é apenas aquilo para o qual [*das, wozu*] ele se faz.» – «Was nicht ist, kann ja noch werden, oder vielmehr er wird, weil es nicht ist. [...]. Das Vernünftige macht sich so nach und nach, und es ist nur das, wozu es sich macht.» Cf. Karl Friedrich KÖPPEN, *Über Schubarths Unvereinbarkeit der Hegelschen Lehre mit dem Preussischen Staate* (1839); *Materialen zu Hegels Rechtsphilosophie*, ed. Manfred Riedel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1975, vol. 1, p. 282.

Para outros desenvolvimentos coevos em torno da necessária impregnação «práxica» do «mundo» pela «racionalidade», um tema que não deixará de estar no centro de muitos dos debates, nomeadamente, do *Vormärz*, veja-se, por exemplo, o meu livro: *A «realização da razão» – Um programa hegeliano?*, Lisboa, Editorial Caminho, 1990.

<sup>73</sup> «was ist, ist *an sich* vernünftig, aber darum noch nicht *für* den Menschen, *für* das Bewußtsein; erst durch die Tätigkeit und Bewegung des Denkens wird das Vernünftige, das, was wahrhaft ist, *für* ihn», HEGEL, *Konzept der Rede beim Eintritt des philosophischen Lehramtes an der Universität Berlin* (1818); TW, vol. 10, pp. 405-406.

devém, como o próprio Hegel refere, «o eixo» (*die Angel*) em torno do qual gira, ou é chamado a girar, «o revolucionamento do mundo que se anuncia» (*die bevorstehende Umwälzung der Welt*)<sup>74</sup>.

Na verdade, «a realização da razão consciente de si» (*die Verwirklichung des selbstbewußten Vernunft*) – por muito que as formulações remetam, e remetem, para a matriz teórica de um «saber» (*Wissen*) que se sabe – não pode finalmente ser levada a cabo senão por intermédio de todo «um trabalho universal» (*eine allgemeine Arbeit*) que convoca «o poder do povo inteiro» (*die Macht des ganzen Volks*), e cujo desempenho de inscrição no corpo das realidades em devir, somente, está em condições de lhe cunhar as insígnias de «um povo livre» (*ein freies Volk*)<sup>75</sup>.

O exercício que para este efeito é requerido (e, historicamente, mobilizado), pese embora a anteposta partitura de superior «racionalidade» reitora que, no fundo, está a ser interpretada, não redundante, contudo, em soltas cascatas de olímpicos automatismos dedutivistas de consumação garantida<sup>76</sup>; e está muito longe mesmo de se afigurar como de fácil

<sup>74</sup> Cf. HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede; TW, vol. 7, p. 24.

<sup>75</sup> Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, V, B, Die Verwirklichung des Vernünftigen; TW, vol. 3, pp. 264-266.

<sup>76</sup> É precisamente nestes pedregosos e lábeis entramados ontológicos da socialidade histórico-mundana em deveniente modelação que se inscreve, nas abordagens de Hegel, a dialéctica da «necessidade» e da «liberdade».

«A verdade da necessidade» (*die Wahrheit der Notwendigkeit*) não é «um fatalismo cego» (*ein blinder Fatalismus*), requer o concurso de uma liberdade esclarecida que, conduzida no seu agir pelo pensar do «conceito» (*Begriff*), se não confunde com as magnificações abstractas da subjectividade finita. Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 147, Zusatz; TW, vol. 8, pp. 290-291.

Por outro lado, mas articuladamente, «a transfiguração da necessidade em liberdade» (*die Verklärung der Notwendigkeit zur Freiheit*) – com a qual, na concreção do seu desenvolvimento, todavia vem a coincidir – não dispensa «a pressuposição» (*die Voraussetzung*) da necessidade, ainda que «superada» (*aufgehoben*). Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 158, Zusatz; TW, vol. 8, pp. 303-304.

Como na *Ciência da Lógica* se trata de precisar: «A necessidade não se torna liberdade pelo facto de desaparecer, mas apenas porque a sua identidade ainda interior é manifestada» – «Die Notwendigkeit wird nicht dadurch zur Freiheit, da\$ sie verschwindet, sondern da\$ nur ihre noch innere Identität manifestiert wird», HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, III, 3, C; TW, vol. 6, p. 239.

Isto é, na sua determinada deveniência histórica concreta, a «necessidade» – enquanto expressão de um «determinismo» (*Determinismus*) que não é «fatalismo» (*Fatalismus*) – não exclui a «liberdade», faz o seu caminho incorporando-a na sua marcha: «o livre» (*das Freie*) devém, assim «o conceito na sua existência» (*der Begriff in seiner Existenz*). Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, II, 3; TW, vol. 6, p. 437.

cumprimento expedito. Tormentas e contradições várias, contratempos de toda a ordem e feitio, perturbações supervenientes, não faltam, nem faltarão, no pontuar do acidentado episódico dos percursos.

É por isso também que se torna imprescindível reconhecer «a razão como a rosa na cruz do presente» (*die Vernunft als die Rose im Kreuze der Gegenwart*)<sup>77</sup> – um sugestivo signo metafórico mais dos calvários de espinhos que, na envolvência do quotidiano, multiplicadamente se nos eriçam, e reclamam compreensão adequada<sup>78</sup>. No entanto, no plano da «história mundial» (*Weltgeschichte*), é sempre do trabalhado e paciente advento do «progresso na consciência da liberdade» (*Fortschritt im Bewußtsein der Freiheit*)<sup>79</sup> que há verdadeiramente que cuidar.

Apesar dos previsíveis embaraços e dos comichosos pruridos que eventualmente possa suscitar – sobretudo, entre todos aqueles que não estariam à espera de desfechos desta natureza –, tal é, não obstante, ao final das contas, a lição de Hegel acerca da ontologia (dialéctica).

## §5. Para rematar.

Não existe de facto – como, infelizmente, mais uma vez, pela prolixidade do meu discurso, aqui fica comprovado – qualquer mecânico transvase dos fluídos da celebrada «paciência» (*Geduld*) de que o *Weltgeist* dá repetidas e abundantes mostras na sua instanciação histórica<sup>80</sup>

<sup>77</sup> Cf. HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede; TW, vol. 7, p. 26.

<sup>78</sup> Como Hegel regista numa anotação, destinada a servir de base à oralidade das lições e a prevenir eventuais malentendidos: «[O] presente aparece à reflexão – em particular, à presunção [néscia, que não cura de investigar mais, *Eigendünkel*] – como uma cruz, [e] decerto com necessidade [assim aparece]; [mas] a filosofia ensina a conhecer a rosa – isto é, a razão – nesta cruz.» – «Gegenwart erscheint der Reflexion, besonders dem Eigendünkel als ein Kreuz, allerdings mit Notwendigkeit – die Rose, d. i. die Vernunft in diesem Kreuz lehrt die Philosophie erkennen.»; HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, § 3; TW, vol. 7, pp. 42-43.

<sup>79</sup> Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, Einleitung; TW, vol. 12, p. 32. Como nesta passagem igualmente se explicita, «a aplicação» (*die Anwendung*) deste «princípio da liberdade» (*Prinzip der Freiheit*) – nos termos de um efectivo reconhecimento universal de que «o ser humano como ser humano é livre» (*der Mensch als Mensch frei ist*) – «à mundanidade, a enformação e impregnação da situação mundana por ele, é o longo percurso que constitui a própria história.» – «auf die Weltlichkeit, die Durchbildung und Durchdringung des weltlichen Zustandes durch dasselbe ist der lange Verlauf, welcher die Geschichte selbst ausmacht.»

<sup>80</sup> Para Hegel, «a paciência» (*die Geduld*) – contrariamente à «impaciência» (*Ungeduld*) que, prisioneira da imediatez, deseja «o impossível» (*das Unmögliche*), ou seja, «o alcançamento da meta sem os meios» (*die Erreichung des Ziels ohne die Mitte*) – é, precisamente, aquilo que caracteriza a maneira como, «na longa exten-

para o distinto acervo de prendas que exorna a virtude cultivada da generalidade dos auditórios.

Em termos prosaicos, quer isto muito simplesmente dizer que é mais do que tempo de procurar concluir, antes que os derradeiros vestígios da referida capacidade para me aturarem por completo se esfumem da sala.

Recapitulemos, então, em sùmula quase telegráfrica, o essencial das articulações de que vos procurei dar nota.

Aquilo que Hegel nos conta acerca da «ontologia» e acerca do «ser» (*Sein*) – tomadas estas duas categorias no seu primário, e constatável (porque utilizado), etendimento técnico restrito – não esgota, de modo nenhum, a riqueza manante do pensamento ontológico de Hegel. É, por conseguinte, mais além ou mais fundo, é para as suas abordagens da questão em torno de «aquilo que é», que sobremaneira se impõe dirigir o olhar.

Chegados, porém, e finalmente, não aos platónicos «plainos da verdade»<sup>81</sup> (de revisitada memória pelos saudósicos da veneranda metáfora), mas ao correspondente plano onde, para Hegel, a figura de «aquilo que é» se desvenda naquilo que é, ressalta como de elementar conveniência não esconder por decoro, nem omitir por comodidade, que a resposta hegeliana ao ingente quesito (a qual se deposita, de resto, na formalidade desenvolvida de uma doutrina pormenorizada e recorrente) desemboca, sem sombra de dubitação, sobre o *Geist*, sobre o «Espírito».

Efectivamente, é na sustância carnosa deste «Espírito» que – em primeira e em última instância, mas não como simples corolário decorrente daquele estatificado  $A=A$  que enuncia o paradigma reitor, e que comanda os ditames compulsórios, chamados a definir, na sua matriz, «a identidade abstracta do entendimento» (*die abstracte Verstandesidentität*)<sup>82</sup> –, «o ser», para Hegel, se resolve.

Todavia, no próprio teor da concepção hegeliana, deparamos, a cada esquina do proceder reflexivo, com todo um amplo conjunto de peculiaridades dignas de registo e de atenta sondagem.

são do tempo» (*in der langen Ausdehnung der Zeit*), «o Espírito mundial» (*der Weltgeist*) leva a cabo «o gigantesco trabalho da história mundial» (*die ungeheure Arbeit der Weltgeschichte*). Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, pp. 33-34.

<sup>81</sup> No âmbito daquela determinada estratificação topológica do ser de que Platão faz uso, «a planície da verdade» (JÍ •802g\ "H Bg\*\@<) aparece referida como a mitificada localização superna das «entidades» (@ÚF\ "4), das «formas» (gÇ\*O), das «Ideias» (Æ\*X"4), ou de «aquilo que é sempre» (JÍ •gÅ Ð<). Cf., por exemplo, PLATÃO, *Fedro*, 248 b.

<sup>82</sup> Cf., por exemplo, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 115, Zusatz; TW, vol. 8, pp. 236-238.

Aquilo que aí nos aparece de pronto devolvido ao pensar é um *Geist* que, fervilhando de contraditórias inquietudes em tensão, se mexe e remexe: «o Espírito universal [*der allgemeine Geist*] não fica quieto.»<sup>83</sup>; é «actuosidade absoluta» (*absolute Aktuosität*), e não, como nas cartilhas de recitação costumeira da metafísica tradicional, «um ente desprovido de processo» (*ein prozeßloses ens*)<sup>84</sup>.

É um *Geist* que, na infinitude real que o constitui, não tem nada de etéreo ou de vaporoso, na medida em que, bem pelo contrário, «contém nele próprio» (*in sich selber enthält*) o momento (mediadamente concreto, e em processo de concretização) das finitizações que dialecticamente se entregam<sup>85</sup>.

É um *Geist* que se investe na afadigada aventura do acontecer, um *Geist* do qual, precisamente, «a história mundial» (*die Weltgeschichte*), no colorido cambiante das suas vicissitudes mutáveis, apresenta e representa, em suma, «a exposição» (*die Darstellung*) circunstanciada e devenida<sup>86</sup>.

---

<sup>83</sup> «Der allgemeine Geist bleibt nicht still stehen.», HEGEL, *Einleitung in die Geschichte der Philosophie. Orientalische Philosophie*, Synopsis des Manuskripts 1820; ed. Walter Jaeschke, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1993, p. 7.

<sup>84</sup> Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 34, Zusatz; TW, vol. 8, p. 101. Como na *Fenomenologia* já ficara expresso, também a propósito do «Espírito»: «este movimento através e ao longo de si próprio constitui a sua realidade [efectiva]; aquilo que se move é ele, ele é o sujeito do movimento [*das Subjekt der Bewegung*], e ele é igualmente o próprio mover [*das Bewegen selbst*] ou a substância pela qual o sujeito passa.» – «diese Bewegung durch sich selbst hindurch macht seine Wirklichkeit aus; was sich bewegt, ist er, er ist das Subjekt der Bewegung, und er ist ebenso *das Bewegen selbst* oder die Substanz, durch welche das Subjekt hindurchgeht.», HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VII, C; TW, vol. 3, p. 572.

<sup>85</sup> «O Espírito, como já anteriormente [foi] dito, é essencialmente a Ideia na forma da idealidade, quer dizer: [na forma] do estar-negado [*Negiertsein*] do finito. O finito [*das Endliche*] tem, portanto, no Espírito, apenas a significação de um superado [*ein Aufgehobenes*], não a [significação] de um algo que é [*ein Seiendes*]. A qualidade propriamente dita do Espírito é, por conseguinte, [e] pelo contrário, a verdadeira infinidade [*die wahrhafte Unendlichkeit*], quer dizer: aquela infinidade que não está unilateralmente diante do finito [como algo que, de fora, se lhe contraponha dualizadamente], mas que contém nela própria o finito como um momento [dela].» – «der Geist ist, wie schon früher gesagt, wesentlich die Idee in der Form der Idealität, d. h. des Negiertseins des Endlichen. Das Endliche hat also im Geiste nur die Bedeutung eines Aufgehobenen, nicht die eines Seienden. Die eigentliche Qualität des Geistes ist daher vielmehr die wahrhafte Unendlichkeit, d. h. diejenige Unendlichkeit, welche dem Endlichen nicht einseitig gegenübersteht, sondern in sich selber das Endliche als ein Moment enthält.», HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 386, Zusatz; TW, vol. 10, p. 36.

<sup>86</sup> Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, Einleitung; TW, vol. 12, p. 31.

É um *Geist* que – embora mantido a recato nos emaranhados determinados em que «a astúcia da razão» (*die List der Vernunft*) é feita funcionar na primeira linha dos embates<sup>87</sup> – expressamente possui imprescindíveis «portadores» (*Träger*) humanos, dos quais não tem pejo de se socorrer, até para conferir a si próprio «existência» (*Existenz*) mundanal; um *Geist* que vive, que pulsa, que ganha estação e corpo, na comunidade concreta, no «povo» (*Volk*), de aqueles que o pensam e lhe operam a mediação prática<sup>88</sup>.

---

«A história mundial mostra apenas como é que, gradualmente, o Espírito chega à consciência e ao querer da verdade» – «Die Weltgeschichte zeigt nur, wie der Geist allmählich zum Bewußtsein und zum Wollen der Wahrheit kommt» (ibid., pp. 73-74).

<sup>87</sup> «Não é a Ideia universal que se expõe à oposição [*Gegensatz*] e [à] luta [*Kampf*], que se [expõe] ao perigo [*Gefahr*]; ela mantém-se, inatacada [*unangegriffen*] e incólume [*unbeschädigt*], em plano recuado [*im Hintergrund*]. É de chamar a astúcia da razão [*die List der Vernunft*] ao [facto] de ela fazer operar por si as paixões [*die Leidenschaften*], pelo que [só] aquilo através do qual ela se põe na existência tem perdas e sofre danos.» – «Nicht die allgemeine Idee ist es, welche sich in Gegensatz und Kampf, welche sich in Gefahr begibt; sie hält sich unangegriffen und unbeschädigt im Hintergrund. Das ist die *List der Vernunft* zu nennen, da\$ sie die Leidenschaften für sich wirken läßt, wobei das, durch was sie sich in Existenz setzt, einbüßt und Schaden leidet.» HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, Einleitung; TW, vol. 12, p. 49.

É, de alguma maneira, em presumível articulação com esta perspectiva de fundo que, na *Fenomenologia*, já se tratara de observar que «as feridas do Espírito saram, sem que fiquem cicatrizes» – «die Wunden des Geistes heilen, ohne da\$ Narben bleiben», HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VI, C, c; TW, vol. 3, p. 492.

<sup>88</sup> «A autoconsciência de um povo particular é [o] portador [*Träger*] do estágio de desenvolvimento, na ocorrência, do Espírito universal, e a realidade [efectiva] objectiva [*die objektive Wirklichkeit*] na qual ele depõe a sua vontade.» – «Das Selbstbewußtsein eines besonderen Volkes ist Träger der diesmaligen Entwicklungsstufe des allgemeinen Geistes in seinem Dasein und die objektive Wirklichkeit, in welche er seinen Willen legt.» HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 550; TW, vol. 10, p. 352. É neste sentido igualmente que, na diferencialidade das suas expressões articuladas, «o Espírito» (*der Geist*) consiste «em aquilo que há de comum a todos os povos» (*das Gemeinsame aller Völker*). Cf. HEGEL, *Über die unter dem Namen Bhagavad-Gita bekannte Episode des Mahabharata. Von Wilhelm von Humboldt (1827)*, II; TW, vol. 11, p. 149.

Esta concepção hegeliana, verdadeiramente estruturante, conhece, de igual modo, as suas não despidiendas contextualizações teológicas.

Verificado de vez (até na marcha progressiva da história acontecida) o consumado óbito da abstracta divindade transcendente – «o sentimento doloroso da consciência infeliz» (*das schmerzliche Gefühl des unglücklichen Bewußtseins*) prende-se justamente com a sua manifesta incapacidade para agir num mundo em que «o próprio deus morreu» (*Gott selbst gestorben ist*); cf. HEGEL, *Phänomenologie des*

Todas estas dimensões que aqui assomam à luz são, sem dúvida, relevantes no seu significado e na sua latência, mas não nos devem fazer perder de vista o essencial.

Mau grado a subtiliza (ponderável) e o teor (a não desmerecer) de todas estas precisões doutrinárias (que não correspondem de modo algum a meros embelezamentos fortuitos de um pormenor artístico) –, a verdade, porém, é que continua a ser forçoso convir que nunca deixamos de estar confrontados com uma peculiar operação em que «aquilo que é», aquilo que há, se vem a desfazer na textura omniabarcante do «Espírito».

São os supostos e o madeiramento da arquitectura do edifício que, das formas mais diversas (mas congruentes), acabam por sobressair e por se dar a ver:

por um lado, na alteridade deveniente da sua «externação» (*Entäusserung*), e como esclarecedora indicação do seu efectivo estatuto ôntico, «a Natureza é o Espírito alienado de si» (*die Natur ist der sich entfremdete Geist*)<sup>89</sup>;

por sua vez, e num regime não idêntico, mas compaginável, «a história mundial» (*die Weltgeschichte*) desdobra «o necessário desenvolvi-

*Geistes*, VI, C, c; TW, vol. 3, p. 492 –, abrem-se, então, os portões para a renovada (re)descoberta da sua afinal ressurreição comunitária: «o Espírito de deus vive na comuna» – «der Geist Gottes lebt in der Gemeinde», HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, IV, I, 1; TW, vol. 12, p. 427.

Recorde-se, por outro lado, que, do ponto de vista da teoria política, são as linhas-mestras desta mesma perspectiva que fundam, e cosem, a concepção hegeliana do «Estado», ou da «Ideia do Estado», enquanto espaço humano socializado, e vitalizado, de afirmação efectiva da racionalidade.

Há, por isso, que ter o cuidado de não confundir «o Estado» (*der Staat*) com a fragmentação atomística da «sociedade civil» ou burguesa (*die bürgerliche Gesellschaft*), em que «o interesse dos singulares como tal» (*das Interesse der Einzelnen als solcher*) assoma e se faz valer como «a finalidade última» (*der letzte Zweck*) – cf. HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, § 258; TW, vol. 7, p. 399 –, nem com as circundantes fenomenalizações imediatas dos «Estados particulares» (*besondere Staaten*), infectadas, aqui e além, de irracionalidade existencial: «O Estado, em e para si, é o todo ético [*das sittliche Ganze*], a realização [efectiva] da liberdade, e é finalidade absoluta da razão que a liberdade seja [efectivamente] real. O Estado é o Espírito, que está no mundo e que nele se realiza com *consciência*» – «Der Staat an und für sich ist das sittliche Ganze, die Verwirklichung der Freiheit, und es ist absoluter Zweck der Vernunft, daß die Freiheit wirklich sei. Der Staat ist der Geist, der in der Welt steht und sich in derselben mit *Bewußtsein* realisiert.», HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, § 258, Zusatz; TW, vol. 7, p. 403.

Na funda exigência deste sentido tomado, o Estado devém um afazer comunitário... a fazer.

<sup>89</sup> HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 247, Zusatz; TW, vol. 9, p. 25.

mento dos *momentos* da razão [*Momente der Vernunft*] e, assim, da sua autoconsciência e da sua liberdade: a explicação [*die Auslegung*]<sup>90</sup> e *realização* [*Verwirklichung*] do *Espírito universal* [*allgemeiner Geist*].»<sup>91</sup>.

O *idealismo* – tomado na compreensão *materialista* que esta categoria assume (isto é, enquanto denotando a dissolução ontológica da materialidade do ser numa sua anteposta condição subjectiva de possibilidade e/ou de determinação)<sup>92</sup> – encontra-se aqui, sem dúvida, ao alcance da mão.

E esse idealismo vai-se, em particular, acusando (paulatina e delicadamente), na substancialidade dos seus perfis, a cada passo da andadura. Ele é, na verdade, e na realidade, o solo de implantação do qual toda a doutrina hegeliana se levanta, e aquele decisivo elemento «atmosférico» omni-englobante da universalidade<sup>93</sup> movente (distendendo-se em feno-

---

<sup>90</sup> Penso que a *Auslegung* – significando também, como habitualmente: «interpretação», e «exegese» – adquire, não obstante, nestes contextos, contornos fundamentais que a vêm a aproximar da categoria da *explicatio*, tal como, designadamente, ela surge empregue no pensamento (intrinsecamente dialéctico, na moldura das suas limitações e supostos) de Nicolau de Cusa, enquanto «explicitação» do uno na sua multiplicidade distendida: «Deus, portanto, complicando [*complicans*], é todas as coisas [*omnia*], pelo facto de todas as coisas [estarem] nele. Explicando [*explicans*], [deus] é todas as coisas, pelo facto de ele próprio [estar] em todas as coisas.» – «Deus ergo est omnia complicans in hoc, quod omnia in eo. Est omnia explicans in hoc, quod ipse in omnibus.», NICOLAU DE CUSA, *De docta ignorantia*, II, 3, n. 107.

Atrevo-me a mencionar este paralelo, ainda que não tenha notícia (uma investigação nunca está concluída) de passagens hegelianas que directamente atestem a viabilidade – histórico-textual – de uma aproximação desta índole.

<sup>91</sup> «notwendige Entwicklung der *Momente* der Vernunft und damit seines Selbstbewußtseins und seiner Freiheit, – die Auslegung und *Verwirklichung des allgemeinen Geistes*.», HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, § 342; TW, vol. 7, p. 504.

<sup>92</sup> Para alguns desenvolvimentos em torno da efectiva complexidade de que este tópico se reveste – posto que, em rigor, e designadamente, o idealismo não se circunscreve apenas à tradicional esfera da consciência representativa, que a subjectividade declarada principalmente fundante não assume em exclusivo a forma egóica, e que a «anteposição» pode assomar também na figura da «correlação» –, vejam-se, por exemplo, os meus livros *Da representação à «práxis». Itinerários do idealismo contemporâneo e Ontologias da «práxis» e idealismo* (Lisboa, Editorial Caminho, ambos de 1986), bem como o meu ensaio: «Das “ontologias da práxis” a uma radicação ontológica da prática», *Praxis. Seminário Ibérico de Filosofia*, ed. Carlos João Correia e Paula Oliveira e Silva, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2000, pp. 13-32 (em especial, o § 5, pp. 25-29).

<sup>93</sup> De alguma maneira, o idealismo é sempre o suposto ontológico basilar para a recorrente observação (de resto, profunda, e não negligenciável) de que «a filosofia está essencialmente no elemento da universalidade que encerra nela o particular» – «die Philosophie wesentlich im Elemente der Allgemeinheit ist, die das

menalidades, e retornando a si consabidamente)<sup>94</sup> no interior do qual esta concepção por inteiro respira.

Trata-se, não obstante, de um idealismo *sui generis*.

Não é por circunstancial acaso, nem para efeitos de trocadilho irónico fácil, que Engels, reportando-se à filosofia hegeliana, chega mesmo a designar o idealismo que nela sobrevém como «um materialismo colocado idealistamente de cabeça para baixo» ou de pernas para o ar (*ein idealistisch auf den Kopf gestellten Materialismus*)<sup>95</sup>.

Com efeito, aquilo que no pensamento hegeliano se nos descobre (e interpela) é um idealismo suficientemente poderoso na complexidade dos seus conteúdos, e na sua amplitude analítica no que se refere à realidade (jamais recalcada) das contradições, ao ponto de ter estimulado e permitido, por exemplo, que Lénine empreendesse um ensaio de leitura materialista de Hegel<sup>96</sup>, e que viesse a encarar até, mais tarde, a criação de uma «sociedade de amigos materialistas da dialéctica hegeliana»<sup>97</sup>.

Pela minha parte, e muito resumidamente, inclino-me a pensar que o *idealismo* foi, de alguma maneira, o preço teórico que Hegel teve que pagar para o assentamento da sua grandiosa visão da *unidade* e da *dialec-ticidade* imanentes do ser.

Besondere in sich schließ», HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 11.

<sup>94</sup> Como Hegel cuida de registar num fragmento, já dos anos vinte de oitocentos, cuja redacção abruptamente ficou interrompida: «O ser do Espírito [*das Sein des Geistes*] não [é o] ser enquanto seja diferenciado [*unterschieden*] da actividade, mas o seu ser é precisamente esse movimento de se pôr [*setzen*] como *outro* de si próprio e de superar [*aufheben*] esse outro de si [próprio], [o movimento] de se baixar até à aparência [*Schein*] e de assim regressar a si; esta idealidade que se pro-duz [*diese sich hervorbringende Idealität*]» – «Das Sein des Geistes nicht Sein, insofern es von der Tätigkeit unterschieden wird, sondern sein Sein ist eben diese Bewegung, sich als *Anderes* seiner selbst zu setzen, und dies Andere seiner aufzuheben, zum Scheine herabzusetzen und so in sich zurückzukehren; diese sich hervorbringende Idealität», HEGEL, *Fragmente zur Philosophie des Geistes*, II; TW, vol. 11, p. 531.

<sup>95</sup> Friedrich ENGELS, *Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie* (1888), II; *Marx – Engels Werke*, ed. IML (MEW), Berlin, Dietz Verlag, 1975, vol. 21, p. 277.

<sup>96</sup> «Procuro em geral ler Hegel de modo materialista», Vladimir Ílitch LÉNINE, *Conspecto do livro de Hegel «Ciência da Lógica»* (1914), A doutrina do ser, Com que deve começar a ciência?; *Obras Escolhidas em seis tomos* (doravante: OE6), Lisboa – Moscovo, Edições Avante – Edições Progresso, 1989, vol. 6, p. 104.

<sup>97</sup> Cf. LÉNINE, *Sobre o significado do materialismo militante* (1922); OE6, vol. 5, p. 335.

Porque o real não se circunscreve de todo à positividade rigidificada da imediatez, a genuína condição do *ser* tem que advir à processualidade dialéctica da «Ideia»<sup>98</sup>. Porque o dualismo metafísico grassante carece de sustentação efectiva, aquilo mesmo que é, na concreção deveniente do seu ser, «o Espírito» (*der Geist*) – sem subjectivadas derrapagens egóticas, nem objectivadas transplantações para nebulosas paragens sobrepaírentes –, acaba intrinsecamente por assumir o papel (não transcendente) de «o idealista propriamente dito» (*der eigentliche Idealist*)<sup>99</sup>.

Acontece, porém – e com isto termino (até para não dar início a mais uma enfadonha conferência) –, que, no horizonte radical de uma pergunta por «aquilo que é», a unidade do real não tem que repousar em (como condição prévia), nem que aportar a (enquanto resultado final), uma ontologia idealista.

Pensar o dialéctico devir da unidade material do ser – onde o pensamento e a prática dos humanos se inscrevem, não como inaugural condição de possibilidade, mas, a um tempo, como ingrediência e agência – obriga à demanda de uma outra fundação: requer e mobiliza todo um consequente reviramento materialista.

Trata-se, aliás, de *démarches* que, na fluxão da história, não demoram muito a ser feitas...

---

<sup>98</sup> «O idealismo verdadeiro, filosófico, não consiste senão, precisamente, na determinação de que a verdade das coisas é que elas – enquanto essas [coisas] imediatamente singulares, isto é, sensíveis – são apenas aparência, fenómeno.» – «Der philosophische wahrhafte Idealismus besteht in nichts anderem als eben in der Bestimmung, daß die Wahrheit der Dinge ist, daß sie als solche unmittelbar einzelne, d. i. sinnliche –, nur Schein, Erscheinung sind.»; HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 246, Zusatz; TW, vol. 9, pp. 18-19.

<sup>99</sup> Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, I, I, 2, Der Übergang, Anmerkung 2; TW, vol. 5, p. 173.